



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE ARTES**  
**LICENCIATURA EM TEATRO**

**TEATRO NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO**

Adas Gomes de Deus

Feijó

2012

ADAS GOMES DE DEUS

## **TEATRO NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em  
Teatro, do Departamento de Artes Cênicas no  
Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

ORIENTADORA: Profa. Msc. Joana Abreu

Feijó

2012

ADAS GOMES DE DEUS

**TEATRO NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO**

Trabalho de conclusão de curso aprovado, apresentado a UnB - Universidade de Brasília, no Instituto de Artes, Departamento de Artes Cênicas- CEN como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Teatro com nota final igual a MS sob a orientação do (a) professor (a) Mestre Joana Abreu.

**Tarauacá-AC, 03 de dezembro de 2012.**



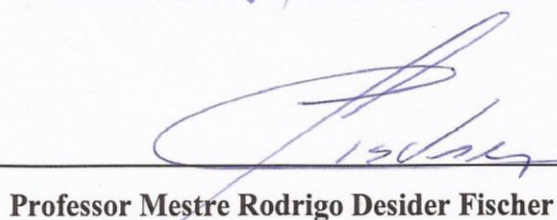
---

**Professora Mestre Joana Abreu**



---

**Professor Mestre Jonas de Lima Sales**



---

**Professor Mestre Rodrigo Desider Fischer**

*“[...] acho que a mudança tem que ser um propósito tomado pelo ser humano, independente de qualquer atividade.”*

**(Wanderson Cunha)**  
*(Socieducando)*

*“A função da Arte não é passar por portas abertas, mas abrir portas fechadas.”*

**(Ernst Fisher)**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico aos meus Orientadores e Familiares.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço em particular a toda minha família, pela paciência e por relevarem minhas faltas como pai, filho e esposo.

Aos socioeducandos, pelo respeito e pela dedicação, aos Socioeducadores do Centro Socioeducativo Feijó (Diretor, Assitente Social, Coordenadores Pedagógicos, Professores, Agentes Penitenciários) pelo espaço e liberdade oferecida.

Professores, Tutores, Colegas que apesar da distância deram sua parcela de contribuição, enfim todo o núcleo de Artes Cênicas da UNB, pela constante atenção e apoio durante toda essa caminhada.

Que DEUS abençoe a todos.

## RESUMO

O projeto *Teatro no Sistema Socioeducativo* objetivou experimentar mais uma medida capaz de influenciar o desenvolvimento de jovens em conflito com a lei e com a sociedade. Assim foram propostas atividades teatrais como mais uma das ferramentas socioeducativas utilizadas no Centro Socioeducativo Feijó, ligado ao Instituto Socioeducativo do Acre. A pesquisa foi dividida em duas partes, a primeira dialoga com referências sobre o Sistema Socioeducativo no Brasil, no Acre e em Feijó, abrangendo principalmente o Centro Socioeducativo Feijó, onde a pesquisa foi realizada. A segunda debate as atividades realizadas, falando das experiências vividas pelos socioeducandos e socioeducadores com a aplicação de jogos teatrais baseados nas propostas de Viola Spolin e Augusto Boal. Os resultados obtidos foram parciais, mas já positivos, demonstrando mudanças no comportamento dos jovens envolvidos.

**Palavras chave:** Teatro-educação, Jogos teatrais, sistema socioeducativo, jovens em situação de detenção.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. TEATRO NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO	13
<b>1.1 Juventude em Risco Social</b>	18
<b>1.2 Teatro como forma de Ressocialização</b>	20
2. JOGOS TEATRAIS	23
<b>2.1 Experimentando Teatro</b>	28
<b>2.2 Experiências do Socieducando e Socieducador</b>	31
CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
ANEXOS	40
<b>ANEXO A – Relatórios</b>	40
<b>ANEXO B – Jogos e Exercícios Aplicados</b>	50
<b>ANEXO C – Entrevistas com os Socieducandos</b>	60



## INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como tema o Teatro no Sistema Socioeducativo e trata de como o teatro pode ser utilizado como ferramenta extracurricular e medida socioeducativa para ressocialização de jovens em risco social.

A região Tarauacá/Envira, que abrange as cidades de Feijó, Tarauacá e Jordão no estado do Acre, apresenta uma grande incidência de jovens envolvidos em delitos de grande periculosidade, muitas vezes por saberem que quando alcançarem a maioria estarão livres de qualquer acusação, motivo esse registrado a partir das falas dos administradores do Centro Socioeducativo Feijó onde foi realizada a pesquisa.

Além do alto índice de violência e delitos cometidos por jovens entre 12 a 18 anos, um fator relevante para realização dessa pesquisa é o alto julgamento da sociedade, que cobra uma sociedade mais digna de paz, mas não busca soluções para baixar os elevados índices de jovens envolvidos em atos ilícitos, achando que isso é única e inteira responsabilidade do Estado.

Por meio do trabalho com o teatro, esta pesquisa busca abrir novas possibilidades para os jovens internos do Centro Socioeducativo Feijó. O desenvolvimento do teatro nos centros socioeducativos pretende contribuir com a preparação para uma nova fase de suas vidas, fazendo com que cada jovem perceba a sua importância para o meio social e o quanto será fundamental o ato de se comunicar, independente de como ou com quem.

A motivação para a escolha do tema surgiu pelo fato de que, no Centro Socioeducativo Feijó, segundo os fatores indicados pela Assistente Social, 60% dos internos voltam a cometer atos criminais após o tratamento. Diante dessa realidade, a proposta passou a ser buscar no teatro uma nova ferramenta para o desenvolvimento desses jovens. No centro Socioeducativo Feijó, onde será realizada a pesquisa, não há vestígios de que exista algum trabalho voltado para artes cênicas. Dessa forma, observa-se a oportunidade para realização da pesquisa, buscando assim o crescimento artístico/pedagógico do sócio educando.

Ao final da pesquisa, o objetivo que desejava ser alcançado era de se descobrir se o Teatro como recurso artístico/pedagógico contribuiria com a ressocialização de jovens

tratados no Centro Socioeducativo Feijó. Através dos jogos teatrais, buscamos uma interação entre os adolescentes, bem como o contato com o novo. Com a promoção das oficinas, o trabalho pretendeu auxiliar no desenvolvimento das ações no centro. Ajudando os alunos a lidarem com as regras. Em relação a isso, Rafael Vasconcelos (2010, p. 04) explica que os jovens terão a oportunidade de lidar com isso de uma maneira dinâmica:

[...] na unidade de internação tudo isso cai por terra, pois como regra da instituição o adolescente tem de baixar a cabeça e a pedir licença sempre que passar diante de algum funcionário da unidade, ou seja, ele passa a ter uma coisa que nunca havia tido até então: (VASCONCELOS, 2010, p. 4)

Fazendo uso de bibliografias que buscam a interação com o tratamento sócio pedagógico apresentando como principal estrutura arte educativa, o teatro, teses que já vem de outros estudos que direcionam mais ainda nosso foco que busca a ressocialização através do desenvolvimento da arte cênicas, explorando principalmente trabalho de Isabel Silveira, Rafael Vasconcelos, Viola Spolin, Augusto Boal, Rogerio Moura, Tânia Márcia. Favoravelmente todos procuravam enriquecer sua bibliografia através de estudos que estabeleçam o teatro como ferramenta de conhecimento artístico pedagógico e principalmente arte-educativa.

Além da leitura e debate a respeito da bibliografia, a pesquisa contou também com uma etapa de trabalho de campo que se desenvolveu através da aplicação dos jogos com os internos e entrevistas com o corpo discente e docente do Centro Socioeducativo Feijó. As entrevistas aconteceram gradativamente e de modo bastante informal, uma pergunta aqui outra ali, devido aos acontecimentos e agenda da equipe docente.

Em relação à estrutura do trabalho, o primeiro capítulo aborda o principal tema, o Teatro no Sistema Socioeducativo, e trata exatamente do programa sócio educativo proposto pelo estado, e de como estabelecer esse contato das artes cênicas com jovens em risco social, explorar a ideia do teatro transformar-se em ferramenta de contribuição para reabilitação social de Jovens em conflito com a Lei. Através deste tópico, buscaremos, na bibliografia, experiências semelhantes realizadas com o intuito de inserir o teatro na rotina extracurricular e arte educativa desses jovens. No sub capítulo seguinte, vamos dialogar sobre como

transformar o teatro nessa ferramenta que busca balizar os jovens em relação à ética e ao teatro enquanto manifestação de arte.

No segundo capítulo, trataremos de apresentar os jogos teatrais, mostrando suas funções e fundamentos. O uso dos jogos teatrais visará o alcance do objetivo do projeto. Alguns dos autores utilizados se destacam pelos grandes acervos artístico-pedagógicos. É o caso de Augusto Boal, que já vem de uma tradição teatral bastante abordada por pedagogos como ferramenta interescolar na arte educação, e de Viola Spolin que vem propondo jogos que servem para o desenvolvimento intelectual e pessoal de quem aplica e recebe a aplicação dos jogos teatrais.

Os jogos estarão divididos por função, nos primeiros momentos, usaremos jogos mencionados nos livros “200 Exercícios” e “Jogos para ator e não ator com vontade de dizer algo através do teatro” de Augusto Boal, o criador do chamado “Teatro do Oprimido”. Os jogos em questão foram usados pelo Teatro de Arena de São Paulo, entre 1956 e 1971, segundo Boal(1993).

A princípio a proposta foi usar jogos de “Aquecimento Físico”, “Aquecimento vocal”, para propor um começo dinâmico. Em seguida, “Aquecimento ideológico”, onde envolvemos a leitura e percepção dos fatos atuais por cada participante, com relação à própria comunidade. Usaremos ainda o “Aquecimento emocional”, “Jogos de interação do elenco”, “Exercícios de máscaras e rituais”, “Quebra de repressão”, a fim de começarmos a interagir mais intimamente com cada um e “Exercícios gerais sem texto”, que envolve a capacidade de improvisado. (BOAL, 1993). (Anexos II)

Pretendeu-se realizar ainda apresentação de jogos mencionados no Fichário de Jogos Teatrais de Viola Spolin, trabalho esse que já recebeu vários prêmios e é comentado e utilizado por professores no mundo todo. Seriam usados basicamente os jogos “Sentir o eu como o eu”, “Camera lenta – Pegar e congelar”, “Pegador – Pegador com explosão”, “Quanto Você Lembra?” (SPOLIN, 2001). (Anexos II)

No tópico 2.1, abordaremos o tema Experimentando Teatro, falando do potencial da primeira experiência desses jovens com teatro, falaremos de nossa primeira experiência, dialogando sobre o primeiro contato, pros e contra observados. Observaremos se houve contato com o teatro, se passaram pela experiência de executar ou assistir algo relacionado.

No tópico Experiências do Socioeducando e Socioeducador, apresentaremos os resultados alcançados com as técnicas teatrais usadas.

Os relatórios de atividades e as entrevistas realizadas serão nossa principal ferramenta para coleta de dados. As considerações finais serão dedicadas à pertinência dos resultados obtidos, através de relatórios das atividades desenvolvidas, entrevistas, relatórios finais, buscando números e estatísticas, mas também a subjetividade dos envolvidos.

## 1. TEATRO NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO

O sistema socioeducativo apresenta uma grande demanda de atividades extracurriculares e este projeto, que envolve principalmente o desenvolvimento de atividades apoiadas na pedagogia do teatro, entra como uma contribuição para esse crescimento, baseando-se em ideologias voltadas ao crescimento sociocultural e dos processos comunicativos dos internos. Neste caso, usa-se a pesquisa de Rogério Moura como fonte principal, pois o mesmo desenvolve trabalho voltado ao “trabalho cultural e a pedagogia do teatro”, apesar de seu artigo não ser voltado para o sistema socioeducativo e sim para periferias. Apontando a comunicação como principal ferramenta, Rogério afirma que ouvir os passivos é fundamental para promover uma recuperação efetiva, fazendo dos próprios jovens protagonistas para sua mudança.

Pesquisa realizada por este autor ao longo de dois anos na periferia de São Paulo mostrou que os jovens passam a interagir com as propostas pedagógicas oferecidas por estes programas, na medida em que se tornam agentes do próprio processo de ensino aprendizagem, ou seja, na medida em que ‘são ouvidos’ (MOURA, 2002, p. 271).

Analisando o artigo de Tânia Márcia, foi possível estabelecer referências fundamentais para a complementação das teses pretendidas neste projeto. Objetivando investigar como o teatro pode contribuir para o desenvolvimento de jovens em risco social é o objetivo deste projeto e que visa, entre outras coisas, investigar o quanto o Teatro do Oprimido e os jogos teatrais podem influenciar no ensino Socioeducativo.

Os aspectos fundamentais para o desenvolvimento do homem como ser político social, sem dúvida, são muito presentes no desenvolvimento de atividades e parâmetros que envolvem a sócio educação ou educação social, que destaca e privilegia o aprendizado para o convívio social e para o exercício da cidadania e desenvolvimento do cidadão. Trata-se de uma proposta que implica em uma nova forma do indivíduo se relacionar consigo e com o mundo. Deve-se compreender que educação social é educar para o coletivo, no coletivo, com o coletivo.

Segundo Boal, aspectos do Teatro do Oprimido objetivam transformar o espectador, de um ser passivo e depositário, em protagonista da ação dramática, nunca se contentar em refletir sobre o passado, mas se preparar para o futuro.

Analisamos as propostas metodológicas da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, e o Teatro do Oprimido de Augusto Boal, buscando estabelecer os pontos de ligação e as relações existentes entre estas metodologias, identificando quais as dimensões sócioeducativas que ocorrem através do Teatro do Oprimido (TEIXEIRA, 2007, p. 01).

A necessidade do homem de manter-se culto dentro do universo sociocultural é apontada por Izabel Silveira, outra autora que contribuiu para a pesquisa, e que se fundamenta também em Aristóteles (384 a 322 a.C.), grande filósofo que, entre muitas de suas obras, encontrava espaço para a “ética” e mostrava sua preocupação com desenvolvimento do ser humano de uma forma negativa, desenvolvendo suas teses que mostram o teatro como ferramenta de manutenção dos sentimentos livres, sendo possível, através da dramatização, demonstração, atuação, tornar reais seus sentimentos.

Isso torna suas ideologias, no entendimento deste trabalho, fundamentais para complementar essa proposta de manter os socioeducando em paz consigo mesmos e, o mais importante, convivendo em comunidade livres de atos que desintegram o senso de cultura social.

O homem em sua busca incessante por descobrir-se, por encontrar seu lugar no mundo anseia por elementos que o façam sentir-se vivo, útil, purificado, Aristóteles, em sua Poética, já falava da catarse<sup>3</sup> como forma de purificação, remissão dos instintos e desejos mais sombrios que o homem, preocupado em manter uma conduta social ética e moral, tratava de mante-los escondidos nos mais recônditos escondidos de seu inconsciente que muitas vezes eram acessados através do teatro, da encenação de atos que na impossibilidade de praticá-los na via real encontram ali, na dramatização, no simples prazer de visualiza-la o confronto e absolvição de que precisavam (SILVEIRA, 2011, p.12).

Há muito tempo o teatro vem desempenhando uma função muito mais intensa do que simplesmente a realização de produções artísticas, podendo ser aplicado de muitas maneiras. Há quem diga que o teatro pode mudar as propostas ideológicas das pessoas. Muitos fazedores de arte usaram a psicologia em suas criações. No teatro, isso pode ampliar o universo de cada ator e a busca em suas vivências para suas interpretações.

O Centro de Socioeducação de Feijó possui um quadro de 38 funcionários e capacidade para atender 25 adolescentes que cumprem medidas socioeducativas de privação de liberdade e internação provisória, definidas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº8.069 de 13 de julho de 1990). Atualmente atende 20 adolescentes, alguns de Tarauacá, outros de Rio Branco (Capital) e de outros municípios. O trabalho pretende

reinsere o adolescente na sociedade, definindo valores dentro de padrões sociais pré estabelecidos.

As atividades pedagógicas desenvolvidas dentro da unidade estão fundamentadas no Programa de Educação Unidades de Socioeducação (Proeduse) que se estabelece por meio de uma parceria entre a Secretaria de Estado da Criança e da Juventude (SECJ) e a Secretaria de Estado da Educação (SEED). Garantindo o acesso à escolarização a todos os adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas, o Proeduse contempla as determinações vigentes no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA):

A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - direito de ser respeitado por seus educadores;

III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;

IV - direito de organização e participação em entidades estudantis;

V - acesso a escola pública e gratuita próxima de sua residência.

(ECA, CAPÍTULO IV, Art. 53)

A concepção de educação proposta pelo Centro leva o adolescente a se compreender enquanto sujeito histórico e protagonista nas suas ações, viabilizando as experiências educacionais em que ele avança por pequenos sucessos. Assim, garante-se a esse adolescente o acesso à educação, a permanência e a conclusão dos estudos.

Embasados no ensino de Jovens e Adultos, da alfabetização à conclusão do ensino fundamental e o ensino médio, os adolescentes desenvolvem conhecimentos nas disciplinas de Português, História, Geografia, Ciências, Língua Estrangeira, Educação Física. Temos também a colaboração de voluntários que contribuem com atividades de Ensino Religioso por meio de oficinas. Para complementar o projeto socioeducativo, a unidade desenvolve o Plano de Individual de Atendimento (PIA), que consiste em um trabalho conjunto entre adolescente e equipe técnica, a fim de que o jovem reflita sobre sua condição e elabore um

projeto de vida. Para isso, são estimuladas as habilidades pessoais e aptidões profissionais.

Esta pesquisa está baseada nas ideologias de ressocialização, que consistem em trazer de volta ao convívio sociocultural, jovens que através de atos demonstram que sua educação formal e informal não foi aplicada de maneira oportuna, evitando possivelmente sua entrada nos centros socioeducativos. O jovem passa então por uma nova educação possibilitando o retorno ao seu convívio social. “Ressocialização consiste em reformar, reeducar, dar autoconfiança, preparar para o trabalho estimulando a iniciativa e consciência social do apenado, possibilitando que esta possa voltar a conviver em sociedade.” (MACHADO, 2008, p.50).

No Centro Socioeducativo Feijó, são desenvolvidas algumas atividades extraclasses, em consonância com o ensino formal. Nelas, os jovens poderão desenvolver algumas habilidades e manter sua mente centrada no seu aprendizado. As atividades desenvolvidas são:

- Programa de Auto Avaliação
- Xadrez Socioeducativo
- Beleza e Auto Estima
- Pintando Futuro
- Dia da Família, Horta Viva
- Medidas Disciplinares
- Valores Cívicos,
- Futebol Recreativo
- Força do Exemplo
- Videokê
- Filmes Educativos
- Higiene Pessoal
- Educação Física
- Filosofia de Vida
- Sarau

(Diretor Antônio J. M. de Lima<sup>1</sup>).

No Centro, é utilizado um modelo de intervenção Sistêmico, que contém uma visão

---

<sup>1</sup> Informações fornecidas por Antônio J. M. de Lima, diretor do Centro Educativo Feijó, durante as conversas realizadas ao longo da pesquisa.



compreensiva, e o Construtivismo, como ponto de vista Holístico, onde o aluno estuda totalidades: muda o microscópio pelo macroscópio, busca mudar o campo de observação em lugar de reduzi-lo à parte menor do objeto de estudo, e nesta ampliação aparecem fatores que não tinham sido considerados.

As estratégias que se utiliza no CS Feijó têm sua base no processo que busca dar uma forma reconfigurada de uma situação problema. Nessas situações os problema surgem quando os adolescentes infratores necessitam maior intervenção. Dessa maneira, entende-se que o individuo é um sistema que se encontra em busca do equilíbrio homeostático<sup>2</sup> que está em contato com um mundo circundante e que constantemente realiza trocas com o meio, ou seja, faz contato para satisfazer suas necessidades dominantes. Essa metodologia atua em três pilares. A saber:

- **Área comportamental** (Atuar): Trabalhar com as orientações, retroalimentação, constate encontros grupais, experiências educativas, palestras, momentos de consciência.
- **Área afetiva** (sentir): Trabalhar com técnicas logoterapêuticas, psicodrama, sociodrama, reflexão, cultura e recreação.
- **Área cognitiva** (pensar): Trabalhar o educando o amor responsável, honestidade, sentido da vida, mensagens positivas, resiliência, valores, ambiente protegido e livre de drogas, normas e projetos de vida (PIA) (Diretor Antônio J. M. de Lima<sup>3</sup>).

Ligado ao Instituto Sócio Educativo do Estado do Acre – ISE, o Centro Socioeducativo Feijó apresenta uma rotina de atividades bastante intensa, mas chama minha atenção o fato de não haver naquela instituição algo voltado para as Artes Cênicas, o Teatro, envolvendo o movimento expressivo corporal. Durante uma experiência no próprio Centro Socioeducativo Feijó, convidado pelos técnicos a desenvolver um trabalho teatral, observei que o teatro poderia ser mais uma ferramenta arte educativa e social, fazendo com que se alcançasse um acervo de manifestações teatrais que envolvem o psicológico e físico desses jovens.

---

<sup>2</sup> É o adje(c)tivo correspondente ao termo homeostasia, que designa o processo de regulação pelo qual um organismo mantém constante o seu equilíbrio.

<sup>3</sup> Informações fornecidas por Antônio J. M. de Lima, diretor do Centro Educativo Feijó, durante as conversas realizadas ao longo da pesquisa.

Optei por desenvolver um estudo que envolvesse tudo isso de uma forma ordenada e aplicada através vários jogos compostos: Aquecimento físico, vocal, ideológico, emocional, jogos de interação e exercícios gerais com e sem texto. Nesta experiência podemos ter uma ideia de como o teatro pode ou não manifestar nesses jovens algo diferente, fazendo com que suas ideologias expressem algo além do ato infracional, atos esses que, de acordo com a lei, acabam atrasando suas vidas.

### **1.1 Juventude em Risco Social**

Enquanto seres humanos, buscamos muitas vezes nos destacar, o que pode levar a exercer o papel de “dominador”. A fim de solucionar os problemas criados por essa necessidade humana e pela desigualdade, foram criadas legislações, leis, regras que, de um jeito ou de outro, acabam organizando, reorganizando, afim de que a humanidade viva na “perfeição”. No entanto, sabemos que fomos, somos e sempre seremos sujeitos a erros, erros esses que muitas vezes podem decidir direta ou indiretamente o futuro de muitos, mas como já foi mencionado, o homem tem poder e com as leis criou suas punições, também em busca dessa perfeição enigmática que procura soluções.

O que acabou influenciando esta pesquisa foram os fatores que não atormentam somente esta instituição, mas toda comunidade socioeducativa nacional. Segundo o site UOL, em 2003, de 345 mil menores e adultos detidos, 17,4% eram crianças e adolescentes. Dos 60 mil adolescentes envolvidos em atos infracionais, 14 mil permanecem em regime fechado. “Segundo a Subsecretaria de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente, cerca de 70% desses adolescentes acabam se tornando reincidentes, ou seja, cometendo novos crimes ao deixar os institutos” (2012, web).

No caso do CS Feijó, esse número é representado por 60% dos acolhidos, vimos lá, portanto uma bela oportunidade de observar se o teatro como forma lúdica/pedagógica pode influenciar positivamente jovens em risco social.

Atualmente, há um alto índice de jovens envolvidos com infrações criminais e esse índice aumenta a cada ano. No Acre, este índice se estabelece em graus bem elevados, destacando o estado como o que tem a maior quantidade de jovens presos.

Tentamos buscar os fatores que contribuem para essa classificação. Sofrendo com essa influência o estado está com suas medidas socioeducativas, muitas vezes ineficazes. Sofrem também a escola, o status financeiros e a família. Muitos fatores fazem parte dessa negatividade, onde o personagem principal é o jovem, principalmente atualmente, pois a juventude encontra muito mais liberdade do que antes, quando as famílias eram mais conservadoras. Essa liberdade também é encontrada no próprio Estatuto da Criança e do Adolescente que de certa forma acaba dando à criança e ao adolescente liberdade quando atinge a maior idade. Qualquer delito que tenham cometido no período de menoridade é politicamente apagado. A realidade é que, muitas vezes não totalmente recuperados, os internos despreparados acabam voltando para as ruas e se tornando reincidentes. É, de certa forma, uma maneira do sistema demonstrar confiança no adolescente. Contudo, a lei deveria estabelecer algo a mais na recuperação dos jovens após a maioridade.

O jovem passa por um processo de construção de uma nova identidade, que tem uma natureza conflitiva, pois não é mais uma criança que tem toda a proteção de seus pais e o mundo adulto é complexo, desconhecido e envolve muitas responsabilidades.

O número de adolescentes infratores que sofrem a restrição da liberdade cresceu 4,5% no Brasil, em apenas um ano. Ou seja, para cada 10 mil adolescentes entre 12 e 17 anos, há em média 8,8 cumprindo medida de privação e restrição de liberdade. O levantamento da Secretaria Especial de Direitos Humanos aponta ainda para dados piores como a existência de 680 adolescentes infratores, presos em cadeias públicas, junto com adultos acusados de todo o tipo de crime. De acordo com o Ministério da Justiça, o Acre é o estado que possui o maior índice de presos por número de habitantes, em relação à média nacional, com 3.765 menores cumprindo penas restritivas de liberdade. Os próprios membros do poder judiciário do Acre reconhecem que pobreza e miséria são elementos importantes na questão, pois segundo eles, é possível verificar-se regularmente a relação entre manifestação de violência e a inexistência de condições mínimas de sobrevivência. (2012, web)

A própria sociedade e o sistema socioeducativo apresentam sua contribuição para esses números tão negativos, que continuarão assim enquanto a sociedade culpar os próprios jovens de seus próprios delitos, nossas escolas não propuserem um aprendizado de qualidade, apresentando um desinteresse tanto do corpo docente como do discente, os pais não colocarem os limites necessários para construção de respeito mútuo. A própria comunidade por si, procura julgar essa juventude fazendo sua exclusão naturalmente, não se atenta que exclusão reprime mais ainda e impede de aprender coisas produtivas e positivas.

O Sistema Socioeducativo acreano apresenta uma irresponsabilidade, fazendo com que a atual e nova estrutura que seria o Centro Socioeducativo Feijó se perca em meio ao mato. Um ponto que deveria servir para ressocialização de jovens vira ponto de uso de drogas e motel, praticamente abandonado. Esse novo centro é substituído por uma casa de dois andares simplesmente adaptada para o atendimento, apresentando uma infraestrutura totalmente inadequada para qualquer tipo de atividade, da educação formal à educação informal. Isso, de uma forma ou de outra, acaba influenciando no desenvolvimento desses jovens, no sentido de que o que poderia ser uma atividade completa limita-se a um espaço muito pequeno. De uma forma ou de outra, causando certa insegurança na recuperação de jovens em risco social e comprometendo sua ressocialização.

## **1.2 Teatro como forma de Ressocialização**

A adolescência, conforme Iasp (2006), é caracterizada pelas mudanças repentinas de humor, pelo imediatismo, impulsividade, rebeldia e onipotência. Ao notar a complexidade do mundo, o adolescente começa a se questionar sobre a sua posição na sociedade e sobre a autoridade de seus pais. Baseado em Newton Duarte, que analisa as colocações de Vigotski que expõe a arte como instrumento criado pelo homem, pode-se estabelecer uma existência social objetiva aos sentimentos, permitindo ao homem relacionar-se com esses sentimentos buscando um objetivo. Segundo Vigotski:

O social existe até mesmo onde há apenas um homem e as suas emoções individuais. A refundição das emoções fora de nós realiza-se por força de um sentimento que foi objetivado, levado para fora de nós, materializado e fixado nos objetivos externos da arte, que se tornaram instrumento da sociedade. De igual maneira, a arte é uma técnica social a qual incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do nosso ser. Seria mais correto dizer que o sentimento não se torna social, mas, ao contrário, torna-se pessoal, quando cada um de nós vivencia uma obra de arte, converte-se em pessoal sem que com isto deixe de continuar social. (1998, apud DUARTE, 2009, p.466).

A ressocialização através do teatro no CS Feijó é algo inédito e, ao mesmo tempo, de uma mais profunda realidade. Trata-se de uma experiência dinâmica: uma ousada iniciativa de

humanizar a convivência entre os jovens, fugindo por alguns instantes da metodologia do confinamento, buscando resgatar valores morais e éticos com a intenção de minimizar efeitos da privação de liberdade.

Não se vê registro nem mídias sociais ou livros que demonstrem o teatro como algo negativo, muito pelo contrário, observamos a apresentação de vários registros que propõem uma doutrina artístico pedagógica voltada à arte educação, que é capaz de renovar o ser humano e criar novas ideologias. Neste caso, apresentamos, com o apoio do artigo de Rafael Vasconcelos (2010), a ideia de que o teatro pode e deve ser utilizado como forma de reeducação. Vários outros estudiosos: Robert Yin (2005), Felipe Taborda (2004), Stella Caymmi (2001), Chediak Almir (1994), Viola Spolin (2007), Augusto Boal (2009), Peter Slade (1987) defendem esse ideia.

Acreditamos que o jogo teatral quando usado corretamente em sala de aula (desde que ele, o jogo teatral, tenha um cuidado que vá além da preocupação com o espetáculo), possa ser um grande aliado do professor como meio de transformação do aluno. Transformação esta de extrema importância para o viver escolar da criança e/ou adolescente, tendo como preocupação, também, a formação de personalidade. Queremos frisar que isso se dá desde os primeiros anos da vida escolar da criança. (VASCONCELOS, 2010, p. 02)

Ao estabelecermos o teatro como forma de ressocialização, temos que analisar termos fundamentais para essa execução. É importante salientar que ao realizarmos uma atividades artístico pedagógica, mais precisamente o teatro, temos que nos preparar muito bem, essa preparação vem repleta de recomendações, cabe ao aplicador estabelecer um elo entre os jogos teatrais e os socioeducandos. É importante que, ao iniciar uma aplicação, a mesma seja concluída, contendo começo, meio e fim, principalmente quando se trata do psicológico, um ponto que pode ser forte, mas ao mesmo tempo pode ser muito frágil, por isso a importância de explicar como se desenvolve a aplicação dos jogos e seus fundamentos.

Defendendo as ideias de Izabel Cristina Silveira (2011), que toma como parâmetro as propostas de Augusto Boal (1993), que propõe sistematizar todos os jogos e exercícios como o teatro de forma válida de comunicação ou diretamente como manifestação política, queremos frisar a importância de um compromisso que defende que esses jovens merecem

uma nova oportunidade e que é fundamental que essa nova oportunidade venha através do desenvolvimento da arte, do contrário a tentativa de recuperação desses jovens será em vão.

Para uma medida efetivamente educativa, mais do que regras rígidas de disciplina, são necessárias ações compromissadas em reescrever novas histórias, abrir novas portas, trilhar novos caminhos. Esses Jovens retirados das ruas, excluídos da sociedade por cometerem algum ato em desacordo com a lei e reclusos em prisões, emparedados por grades e muros, vivem no mais apático cerceamento físico, social e cultural. Boal em seu livro *O teatro como Arte Marcial*, no texto intitulado *Jovens em Conflito com a Lei e... Consigo Mesmo!* salienta que “[...] a ausência de atividades físicas e intelectuais e o imobilismo a que são forçados – contrário a toda a ideia de reeducação, recomeço – deforma e atrofia. O castigo do Imobilismo [...] vai marca-los para resto da vida. (SILVEIRA, 2011, p. 29)

## 2. EXPLORAÇÃO DOS JOGOS

No entender desta pesquisa, os jogos teatrais podem ter uma importância muito grande no desenvolvimento sociocultural desses jovens, contribuindo para sua ressocialização.

Os jogos e exercícios teatrais trazem, em meio à arte educação que já é aplicada no Centro Socioeducativo Feijó, um espaço amplo para o desenvolvimento intelectual, emocional e cultural dos adolescentes. Os jogos desenvolvidos foram utilizados no teatro de Arena de São Paulo por Augusto Boal, não deixando de fazer parte do repertório do teatro do oprimido, desenvolvido pelo mesmo. Foi abraçada a ideia de que jogos do Fichário de Viola Spolin (2001), seriam uma ferramenta valiosa para a aplicação, exatamente pela facilidade de desenvolvimento e por já virem fichados de forma ordenada, facilitando a avaliação, permitindo a reinvenção do jogo, sujeito a mudanças, provavelmente necessárias.

A teoria dos Jogos Teatrais vem se consolidando no Brasil há mais de trinta anos, a partir da vasta contribuição teórica que ia de John Dewey a Viola Spolin e Bertolt Brecht, sendo sob certos aspectos acentuadamente influenciada pelo pensamento de Schiller e pela estética de Hegel (MOURA, 2002 p. 273).

As técnicas apresentadas buscam estímulo para discutirmos a “problematização” cotidiana, fortalecendo alianças entre o sistema e os internos. De uma forma gradativa, buscamos desenvolver em cada socioeducando a percepção de criatividade de propor soluções para o problema enfrentado atualmente e futuramente.

Os resultados alcançados pelo trabalho do Teatro do Oprimido são referentes à educação para a cidadania e participação popular nas discussões públicas. Esse grupo de técnicas ajuda a sensibilizar as pessoas em torno de um tema, favorecendo a desinibição e estimulando as pessoas a apresentarem suas idéias e propostas para o grupo do qual participam (TEIXEIRA, 2007, p 216).

Os jogos teatrais são um dos elementos mais importantes dessa pesquisa, sua missão está ligada diretamente a nossos resultados, entretanto o jogo pode ser um momento delicado tanto para o aplicador e o receptor, quanto para o desenvolvimento em geral, já que cada aplicação tem uma particularidade.

Estamos lidando diretamente com os jovens, interferindo em seus corpos e mentes para o desenvolvimento dos mesmos. Vamos explicar porque consideramos delicado o

momento do jogo nesse contexto. Delicado no sentido de que estamos lidando com pessoas que estão ali por já terem vivenciado várias frustrações. Percebemos no próprio adolescente que aquele momento em si já é frustrante, principalmente quando se tem conhecimento do histórico do jovem, quando se conhece a pessoa antes de dar entrada no Centro, mesmo que não haja uma possível intimidade, mas que tenha havido um contato externamente ou apenas se tenha conhecido o ambiente onde familiares residem.

Não estamos ali para questioná-los pelos seus atos, mas apenas para contribuir com a mudança de uma triste estatística que torna negativa a vivência de jovens em risco social. Busca-se, através da aplicação de jogos teatrais, mudar a maneira de vida social em comunidade.

Quando se fala em jogos teatrais como forma de mudanças, não se pode esquecer de falar sobre o Teatro-Educação, que vê o adolescente como um organismo em desenvolvimento, cujas potencialidades se realizam desde que seja permitido a ele desenvolver-se em um ambiente aberto à experiência.

Muitas vezes, os pais apresentam uma educação repleta de preconceito o que acaba gerando nos filhos o mesmo preconceito, mas de forma contemporânea. Infelizmente isso acaba se tornando hereditário, se estendendo por todo cotidiano, escola, comunidade, família. A escola, por sua vez, não promove a estrutura adequada para as transformações necessárias. “Neste sentido, a arte em geral, e o teatro propriamente dito, trabalha com o que a burocracia deixou para trás, o caráter humano” (BARONE, 2006, p. 05).

Concordamos com Juliano Barone que, em 2006/07, apresentou uma tese sobre “Arte Educação - A Compreensão no Teatro-educação”, que trata do teatro educação desenvolvida nas escolas. O autor discorre sobre o esquecimento que os coordenadores têm do teatro educação, deixando de lado o que pode ser de maior importância, e da aplicação preconceituosa que é imposta sobre os alunos, onde os menos privilegiados de inteligência sofrem, sendo muitas vezes excluídos do desenvolvimento de atividades, por simplesmente não mostrarem um engajamento com o cotidiano artístico, ou seja, talento. Teatro-Educação não é considerado aqui apenas mais uma complementação para o desenvolvimento da arte educação. Acreditamos que o teatro pode transformar o cotidiano de uma sociedade cheia de fragilidades que acabam influenciando um conjunto negativo de



uma comunidade e gerando atos ilícitos. Mas essas transformações só poderão ser mais bem vividas se a própria comunidade puder vivenciar o conhecimento do teatro educação.

É neste viés que a escola transforma a experiência artística em puro treinamento técnico, esquecendo o seu caráter formador e conciliador, este que por princípio propõe o diálogo entre todos e o aprofundamento e participação de ambas as partes, crianças e profissionais (Barone, 2006, p. 04).

Citado por Rafael Vasconcelos, Peter Slade (1987) define determinadas maneiras de classificarmos os jogos e diferencia-los, classificando-os como jogo projetado e jogo pessoal. Mostrar que há tipos diferenciados de jogo é muito importante, assim cada tipo de jogo exerce sua função. O jogo projetado exerce uma função que exige menos movimentos, ao contrário dos jogos pessoais que já exigem uma movimentação corporal caracterizada.

[...] o jogo pessoal envolve o indivíduo num todo, ou seja, coloca-o em interação com o movimento e a caracterização desenvolvendo assim a sinceridade através da fé absoluta no papel representado. Isso quer dizer que a criança e/ou adolescente adquire a responsabilidade de interpretar uma personagem; enquanto no jogo projetado favorece a absorção, pois é trabalhada a mente e não o corpo em sua totalidade. O indivíduo tem o livre arbítrio de transformar um objeto qualquer no que a mente dele ordenar, ou seja, um simples lápis preto escolar pode se tornar um microfone. A criança e ou adolescente faz o uso da imaginação para projetar o que nela se cria. Este processo exerce uma importante influência na construção do indivíduo, comportamento e capacidade de adaptação social (VASCONCELOS, 2010, p. 03).

Acompanhamos os raciocínios de Izabel Cristina Silveira (2011), que menciona a importância do desenvolvimento das atividades através de uma boa preparação, o que apresentará uma grande contribuição na preparação do socioeducando. Essa preparação pode ser feita destacando a leitura como um bom exercício, completando conceitos para o crescimento intelectual, incentivando e formalizando maneiras de expressão, envolvendo principalmente a fala, já focalizando seu futuro fora do Centro sócio educativo, no próprio meio social humano.

Além da concentração, percepção e imaginação trabalhadas com a prática de jogos interacionais e dramáticos, também através da leitura e estudo de textos para desenvolver a capacidade de interpretação e enriquecimento vocabular do adolescente (SILVEIRA, 2011, p. 31).

Izabel Cristina destaca ainda a questão do uso da voz, porém de uma forma mais detalhada, mais especificada, ressaltando sua preparação que é composta por todo sistema de

repertório, onde todo esse sistema trabalha num sincronismo, mencionando a preparação adequada de respiração, que vem do fortalecimento do diafragma, fixando a ideia de adaptação do corpo. Ela explica:

Como seus conhecimentos em teatro eram praticamente nulos sempre trabalhei com concepções básicas da técnica teatral que, além do já citado trabalho corporal, consistiam no aquecimento e uso vocal a favor de uma melhor articulação e projeção partindo de informações primeiras como aprender a respirar de forma adequada através da respiração diafragmática (SILVEIRA, 2011, p.31).

Já temos conhecimento do uso de jogos e exercício que trabalham o estímulo e desenvolvimento do improviso. Augusto Boal (1993) nos apresenta um acervo bastante utilizado atualmente por profissionais, destacado em seu livro de Jogos e Exercícios, são os chamados “Aquecimentos Ideológicos”, inclusive utilizados como forma de desenvolvimento deste projeto.

Viola Spolin também está voltada a este fim, usando a proposta do improviso, destacando jogos que dão liberdade aos Socioeducandos. Onde?/ Quem?/ O que? – essas três simples perguntas definem como grande parte dos jogos organizados por Spolin devem ser aplicados e avaliados, dialogando diretamente com assuntos que envolvem a sociedade em geral e, ao mesmo tempo, os fundamentos da linguagem teatral.

Utilizávamos ainda notícias de jornal como material de apoio nas improvisações de cenas, além de jogos e exercícios improvisacionais com base nas noções de espaço, personagem e ação, como o conhecido jogo proposto por Spolin – Onde?/ Quem?/ O que? – Levando-se sempre em conta o contexto social, a integração e sociabilização do grupo. (SILVEIRA, 2011, p. 31).

Viola Spolin (2006) e Augusto Boal (2003) constituem o acervo de jogos teatrais usados para o desenvolvimento das atividades nesta pesquisa.

A experiência é semelhante à proposta por Silveira, como ela mesma afirma:

Partindo das práticas e leitura que vinha desenvolvendo na minha vida acadêmica e pessoal, as aulas foram sistematizadas de maneira a contemplar as necessidades e expectativas das alunas, tendo como referências de práticas autores como Augusto Boal e Viola Spolin (SILVEIRA, 2011, p.30).

Diferente de Cristina Silveira (2011), não pude escolher o público com quem trabalhar no Centro Socioeducativo Feijó, onde são atendidos apenas garotos. Talvez seja possível trabalhar com mais facilidade com pessoas do sexo feminino, pelo fato de que geralmente, pela construção cultural de nossa sociedade, mulher não tem tanto receio do contato físico com pessoas do mesmo sexo, já para os homens esse contato fica mais distante, aqui acho que tivemos dificuldade. Isso ocorre também quando acabam acontecendo rixas entre os detentos, o contato fica ainda mais difícil, o que não foi o caso desta pesquisa. Geralmente quando acontece esse tipo de coisa, os alunos envolvidos são colocados nas atividades em horário diferentes, com as meninas internas isso também acontece, mas acreditamos que não com a mesma intensidade dos homens.

Existem jogos que exigem o contato direto com os colegas e muitos socioeducandos acabam se recusando a realizar, não é nosso caso, mas acontece. O mesmo foi percebido por Silveira:

Dentro da minha linha metodológica optei por normalmente iniciar as aulas com um aquecimento e desenvolver nas alunas atividades de expressão corporal que contribuíssem para o conhecimento do seu corpo e liberação deste, já que tantas vezes, o corpo é visto como um tabu, do qual sentem vergonha ou está associado a uma conotação sexual. É impressionante como o cerceamento em que vivem se exterioriza no corpo. O se tocar e tocar o outro são quase sacrilégios. Para isso, usava de música relaxamento e/ou estimulantes para a prática corporal com movimentos coordenados ou livres (SILVEIRA, 2011, p.31).

Nos Anexos poderemos ser mais precisos sobre essas vivências corporais através dos relatórios.

Os propósitos desenvolvidos através dos jogos buscam uma mudança ímpar. Acreditamos que cada jovem absorve de uma maneira diferente as atividades, e não poderíamos esperar que os jogos tivessem o mesmo efeito em todos os participantes. Há uma particularidade que envolve todo um cotidiano passado, podemos até conhecer um pouco sobre cada socioeducando, mas nunca os conheceremos como um todo. As fragilidades existem e precisamos tentar descobri-las e os jogos podem ser ótimos reveladores.

Atuando como revelador e formador de opinião o teatro, nesta experiência, através dos jogos, pretendeu transformar ideologias, buscando no desenvolvimento sociocultural o crescimento intelectual e pessoal, facilitando a vida do interno ao dar saída do centro socioeducativo.

A seguir, descreveremos e analisaremos a experiência vivida no Centro Educativo.

## **2.1 EXPERIMENTANDO TEATRO**

Não podemos dizer que jogos teatrais são apenas jogos, cada jogo tem sua função. Cada jogo tem sua forma de aplicação, determinada por cada foco específico e instruções.

Antes de começar a falar sobre nossa experiência, é muito importante resaltar que o teatro não deve ser mais uma ferramenta de opressão, mas sim de libertação, ninguém deve ser forçado a desenvolver o teatro. Muito se fala sobre o teatro, mas a realidade é que, na maioria dos contextos, muito pouco se sabe do universo das artes cênicas. É necessário um estudo muito profundo sobre isso, para adquirir o conhecimento ideal.

Se não temos determinação e esforço, muito dificilmente estaríamos preparados para desenvolver algo profissionalmente, principalmente quando se trata de educação através do teatro. Durante o curso de licenciatura, fomos apresentados a um acervo artístico pedagógico, que se fosse mais difundido, quem sabe não seria observado tão negativamente por nossos jovens.

O momento da primeira experiência com o teatro se torna delicado exatamente pelo fato de não sabermos qual vai ser reação dos jovens. Por isso, antes de tudo, em um breve contato com a assistência técnica do Centro Socioeducativo Feijó: Diretor, Assistente Social, Psicólogos, combinamos que no caso daqueles jovens que se recusassem a realizar as atividades, não seria necessário induzi-los ou obrigá-los. Foi definido que o desejo de fato partiria do jovem.

No primeiro dia de encontro, apenas 08 internos participaram, a escolha dos jovens para participar da aula, foi feita exatamente da maneira planejada com os técnicos, “faz quem quer!”. Uma questão que também priorizou nossa escolha foram as desavenças que ocorrem entre os internos, pelo infeliz fato de participarem de gangues rivais. Em nenhum momento foi permitido que todos permanecessem no mesmo local ao mesmo tempo. Geralmente todas as atividades feitas no centro, são feitas dessa maneira, para evitar supostas rebeliões. Foi possível observar que muitos deles escolhem participar simplesmente

pelo fato de sair da detenção.

Ao iniciar nossa primeira aula, dado as mãos, formamos um círculo, sentamos, primeiramente apresentei-me, falei sobre minha experiência de esta ali realizando esse trabalho, qual minha missão, minha idade, o que faço da vida, onde moro. O mesmo pedi para os participantes, com nome, idade, naturalidade, nos primeiros momentos não expomos tanto os alunos. O principal motivo de não falar mais profundamente sobre sua vivência ali, foi que procuramos não identificar os delitos cometidos pelos jovens. Esse contato mais aprofundado ficou para um futuro próximo, mais precisamente em um dos jogos a serem realizados.

O jogo de “Aquecimento Ideológico/Leitura de Jornal” de Boal (1993), é direcionado para a leitura de jornais ou revistas não muito velhos de preferência atuais, esse jogo retrata fatos ocorridos na sociedade e especificamente em nossa comunidade, então, este é o momento em que planejamos tocar em assuntos que envolvem os socioeducandos, quando já teríamos certa intimidade e mais liberdade de falarmos sobre seus delitos. Assim estabelecemos uma melhor conexão com os detentos e conseqüentemente o desenvolvimento do jogo<sup>4</sup>.

Após realizarmos as apresentações formais, entramos em momento de alongamento, braços, tronco, pernas. É importante um alongamento bem realizado, por que uma adequada preparação para aquecimento, através de exercícios de rotação que também estão descritos em “Aquecimentos Físicos” de Boal (1993), podem facilitar outras atividades, para assim preveni possíveis lesões.

Geralmente o jovem submetido ao tratamento socioeducativo já vem de uma vida de desconfiança, sendo muito comum não expressar sentimentos como os que envolvem uma verdadeira amizade. O jogo realizado neste primeiro momento estava focalizado no desenvolvimento de autoconfiança, companheirismo, confiança no colega. O jogo se desenvolveu com cinco pessoas, quatro montaram um círculo enquanto um se localizou entre os quatro jovens, com o corpo firme, tombando para um lado e pra o outro, frente e costa. Nos primeiros momentos, foi impossível ver o jogo desenvolver-se de maneira exata,

---

<sup>4</sup> Os jogos realizados e os relatórios das aulas aplicadas podem ser lidos no anexo desta monografia.

exatamente pelo fato da desconfiança, por exemplo: o jogo, na indicação do autor é pra ser realizado de olhos fechados, dificilmente, no primeiro contato, eles ficam de olhos fechados. Mas gradativamente isso seria superado. Depois de alguns momentos, foi solicitado que os mesmo tentassem confiar no colega, e assim foi feito, todos conseguiram fechar o olhos e relaxar no momento do jogo, assim seguindo o jogo foi realizado revezamento, para que todos participassem, aquele que ficava localizado no centro do jogo é quem estava submetido a confiar nos outros que estavam ao seu redor e os outros tinham a função de passar confiança.

Fazendo uma análise de nossos primeiros encontros em busca de resultados que somassem ao desenvolvimento dos jovens, podemos ver que, por menor que seja nossa estrutura física (ambiente), a vontade de mudança é clara. Sabemos que todo dia aprendemos coisas que muitas vezes contribuem positivamente ou negativamente. Tanto nós como socioeducadores como os internos como socioeducandos passamos por momentos delicados, nós com a expectativa que nossos projetos tenham êxito, eles com a esperança do tempo passar rápido e de terem sua liberdade decretada.

Sabemos que o planejado está ali funcionando como experiência, pois não sabemos qual será a reação dos socioeducandos e como cada aplicação será absorvida.

A partir do 3º encontro, houve uma mudança no comportamento dos internos, além disso, foi notada a ausência de um dos internos. A princípio, com a ausência desse interno, ficou o sentimento com relação o desenvolvimento das atividades: “Será que o projeto não está obtendo êxito?”. Isso foi perguntado aos outros participantes, então ficou confirmada uma indisciplina do colega, por isso, sua ausência. Mesmo com um ar de insegurança, mudanças são visíveis, é possível observar que os jovens em geral não se restringem a um ou outro jogo apresentado, o que poderia ser observado nos primeiros encontros, mas já participam de todos.

No 4ª aula, foi quando pudemos ver essa mudança com mais ênfase, com mais clareza. Os adolescentes demonstraram uma desenvoltura espontânea. Foi durante o jogo “Aquecimento Ideológico/Leitura de Jornal”, de Boal (2003), que obsevamos a mudança de comportamento. Talvez pelo fato de que estamos nos conhecendo sendo natural essa proximidade gradativa, o que também faz parte. O aprofundamento do contato está

contribuindo para nossas vivências, na troca de intimidade, falamos mais sobre nossas vidas. De fato, não é nossa intenção falar sobre os atos que proporcionaram a internação, mas sabemos que é impossível estabelecer um contato mais próximo sem mencionar esses assuntos, tão significativos na vida de cada interno.

Durante o jogo, que consistia em falar sobre fatos que ocorreram, ocorrem e vão ocorrer, perguntas e mais perguntas eram lançadas para que as dúvidas que eles tinham fossem esclarecidas. Usamos uma revista que abordava vários assuntos, como: as torres gêmeas, o pai que teve sete filhos-netos com a filha, futebol, entre outros. Inicialmente houve certa preocupação minha pelo fato de alguns assuntos serem delicados demais. Íamos folhando a revista e encontrando os assuntos, deixei livre a escolha, de repente os assuntos iam surgindo, falavam abertamente, deixavam suas opiniões, explicavam alguns fatos para os colegas que não entendiam. Um fato interessante é que muitos desconhecem assuntos que são bem populares, ou seja, de conhecimento de muitos. Por exemplo: folhando a revista, achamos uma imagem do ex-técnico e ex-jogador da seleção brasileira de futebol Dunga, e percebemos que um dos adolescentes imaginava que Dunga ainda fosse técnico da seleção brasileira, ou seja, tivemos um desencontro de informação, mas outro colega, sem esperar que eu explicasse, informou que atualmente o técnico da seleção brasileira é Mano Menezes.

Essas percepção de informação sobre os conhecimentos de assuntos que fazem parte de nosso cotidiano, fatos que ocorreram e ocorrem na nossa sociedade e no restante do país, mais assuntos que são apresentados pela empresa local e externa.

Nessa vivência, pudemos observar a livre participação, a cooperação e o envolvimento como um resultado mais propício para nossos planos. Vimos ainda a desenvoltura no desenvolvimento dos jogos e exercícios, intensificando mais nossa troca de ideias e idealizando como podemos estabelecer um contato bem mais próximo aos internos e sem dúvida mostrar que nossa presença começa a fazer a diferença, não deixando de aprender no teatro, uma nova forma de comunicação e cuidados com o corpo.

## **2.2 EXPERIÊNCIAS DO SOCIEDUCANDO E SOCIEDUCADOR**

Quando falamos sobre socioeducação, envolve-se uma estrutura pessoal, bem mais

extensa do que se imagina. Como já havia mencionado, o Centro Socioeducativo Feijó dispõe de uma equipe de 36 funcionários e atualmente atende 16 adolescentes. Neste momento, são 42 pessoas envolvidas diretamente com medidas socioeducativas, sendo: 24 Socioeducadores, 01 Assistente Social, 01 Pedagogo, 03 Professores, 02 Administradores, 02 Apoios, 03 Estagiários. Acreditamos que essa experiência não está destinada somente ao Socioeducando, mas a todo corpo técnico, os Socioeducadores. Acreditamos que assim como os jovens que ali estão sob medida socioeducativa, os funcionários também passam por essa experiência, de uma forma ou de outra, os Socioeducadores acaba passando por medidas educativas.

O que se define por Medidas Socioeducativas é que seja uma medida Estadual com relação às atitudes infratoras de jovens menores de 18 anos, tendo como principal função evitar a reincidência desses jovens em risco social através do desenvolvimento de atividades pedagógico-educativas e artísticas, buscando sempre a integração física e mental do jovem, levando em consideração seus históricos. Quando falamos de como o teatro contribui a isso, estimasse que através das mudanças ocorridas no comportamento dos jovens, absorvidas durante suas experiências no desenvolvimento das atividades, aproximando-os entre um jogo e outro.

“I – Advertência;”

“II – Obrigação de reparar o dano;”

“III – Prestação de serviço à Comunidade;”

“IV – Liberdade Assistida;”

“V – Inserção em regime de semiliberdade;”

“VI – Internação em estabelecimento educacional;”

“VII – Qualquer uma das previstas no art. 101, I a VI.”

(E. C. A. art.112)

Acreditamos que a equipe gestora e os jovens fazem parte de um todo, que todos fazem parte de reeducação, onde todos fazem parte de uma aprendizagem, uns aprendendo com os outros. A experiência direcionada ao socioeducando é estabelecida através da metodologia formal aplicada diante da necessidade de cada detento: arte educação, ensino



formal, assistentes físicos e psicológicos, ensino religioso e ensinos de forma social. Assim os adolescentes constroem suas trajetórias, mas muitas vezes as frustrações do passado acabam influenciando bastante no desenvolvimento dessas pessoas.

A partir desse momento, a equipe técnica executa seu aprendizado nas situações a que os integrantes estão expostos, recebendo instruções para lidar com os jovens, convivendo, vendo o constrangimento desses jovens, muitas vezes conhecidos, estabelece uma ligação não só socioeducativa, mas também de amizade. Faz-se fundamental no socioeducador exercer suas funções realmente definidas como serviços desenvolvidos pelo Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), respeitando, estimulando defendendo suas razões que trarão o desenvolvimento dos detentos.

É óbvio que nem todos os socioeducadores se comovem com a situação desses garotos e que nem todos os detentos saem 100% recuperados de sua passagem pelo Centro Socioeducativo Feijó. Alguns retornam à criminalidade, mas sabemos que sua vivência como socioeducando deixa sua herança e cabe a cada jovem a missão de escolher seu próprio destino, seguir o que foi aplicado ou acabar se tornando reincidente.

Observamos mudanças no socioeducando, mas também é possível sentir mudanças no socioeducador. Assim como os alunos, o professor está apto ao aprendizado e da mesma forma sujeito a mudanças. Pode-se estabelecer comparações com o ensino nas escolas ou até mesmo em grupos de teatro, mas há diferenças, pois esses jovens já fazem o aprendizado formal e muitas outras atividades informais que fazem parte do cronograma das atividades do centro socioeducativo Feijó.

O trabalho do socioeducador é estabelecer uma comunicação que busca certa intimidade, podendo influenciar na recuperação do jovem, passando a esses jovens uma sensação de segurança, o que parece ser complicado pelo fator de estarem em cárcere.

O Professor de Teatro também está sujeito à mudança. Somente o fato de estar ali naquele ambiente socioeducativo, onde a primeira impressão é de medo, insegurança, pena, desenvolvendo atividade teatral sente-se uma sensação negativa, principalmente nos primeiros momentos, por ser uma experiência inédita tanto para professor como para os internos.

Minhas vivências contribuíram tanto para meu crescimento profissional como pessoal, profissionalmente podemos entender melhor as ideologias dos internos, como se comportam, qual o teor de respeito que todos merecem, contribuindo para uma possível implantação permanente de serviços que envolvem as artes cênicas ou arte educação.

Se formos levar em consideração os atos cometidos por aquelas crianças/adolescentes seria ainda mais complicado, mas por trás da imponência que é passada por alguns jovens, pode ser percebida certa fragilidade, como se nota em algo curioso presenciado: enquanto alguns dos jovens se mantinham de cabeça levantada, outros permaneciam de cabeça baixa, mesmo quando era solicitado que levantassem a cabeça, para estabelecerem uma postura adequada aos exercícios. Essa insegurança acaba sendo transmitida para o professor. Minha intenção como educador era que não se comportassem de maneira inferior.

Através do diálogo podemos quebrar algumas dessas barreiras, gerando pontos positivos para o projeto. Ao longo dos encontros, essas diferenças acabavam sendo esquecidas, a participação mais ativa dos jovens era percebida e conseqüentemente a experiência, vivência e autoconfiança do educador era sentida, que com certeza pode influenciar para resultados positivos.

## CONCLUSÃO

Infelizmente, por motivos estabelecidos pela direção do Centro Socioeducativo Feijó, não tivemos permissão de fotografar, filmar, o que restringiu o registro apenas a relatório e entrevistas. Além disso, até a finalização desta monografia, não havíamos ainda concluído as interferências e aulas no Centro, o que faz com que as presentes conclusões ainda sejam parciais e que ainda não tenham sido aplicados todos os jogos planejados.

Quando falamos de arte como ferramenta de mudanças que envolve os meios culturais, sabemos que isso é possível, já que se faz fundamental o desenvolvimento de atividades artísticas. Em qualquer área das comunidades, podemos observar que o uso da arte é necessário e benéfico, seja de Música, Dança, Teatro ou outra linguagem.

Tivemos a participação de 08 jovens sendo que apenas cinco participaram efetivamente dos encontros, os resultados foram estabelecidos nesses cinco jovens, onde os mesmos interagiram e buscavam o desenvolvimento dos jogos, apresentando uma disciplina exemplar, durante o desenvolvimento dos jogos a interação fez parte da rotina, demonstrando sempre o crescimento de amizade tanto com os socioeducadores como os socioeducandos.

Sempre que se pergunta a um jovem: Você tem algum sonho? Dificilmente não mencionam algo voltado para arte: “Quero ser cantor”, “Quero ser dançarino”. Acreditamos que isso demonstra que os jovens, de alguma forma, percebem que a arte por si só apresenta esse papel de transformação.

Constatamos que a experiência do Teatro no Sistema Socioeducativo mostrou uma ferramenta valiosa no desenvolvimento de atividades teatrais e pessoais dos oito jovens em risco social atendidos.

Observando os resultados alcançados, vimos que o Teatro como recurso artístico/pedagógico contribui com a ressocialização de jovens. Através dos jogos, buscamos uma interação entre os adolescentes, bem como o contato com o novo. Com a promoção das oficinas, auxiliamos no desenvolvimento das ações no Centro Socioeducativo Feijó, ajudando os alunos a lidarem com as regras, ou até mesmo com atividades teatrais que por ventura venham a ser desenvolvidas. Principalmente, percebemos que foi iniciado um processo de autonomia e ampliação na comunicação entre os jovens e desses com seu mundo.

Acreditamos que, em razão do alto número de ocorrências e do grande índice de criminalidade em nossa região, a implantação do projeto “Teatro no Sistema Socioeducativo”, como uma atividade efetiva no Centro Socioeducativo Feijó, pode beneficiar toda a comunidade da região Tarauacá. A curta experiência realizada durante este monografia deixou-nos mais seguros disso.

Defendemos a proposta de direcionar o projeto a outras regiões do estado do Acre, assim os socioeducandos poderão perceber que, com seu potencial trabalhado e incentivado, são capazes de serem autores e modificadores de sua história, como sujeitos autoconscientes e construtores de uma nova comunidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AC24HORAS, Para cada 10 mil adolescentes, 8,8 cumprem medida de privação e restrição de liberdade. Postado em 28 de maio de 2012. Revisto em outubro de 2012. Disponível em URL: <http://www.ac24horas.com/2012/05/28/32929/>

BARONE, Juliano. Arte-Educação: A Compreensão no Teatro-educação. Portal Cultura infância. Postado em 2006. Revisto em Novembro 2012. Disponível em URL: [http://www.culturainfancia.com.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&catid=52:arte-educacao&id=303:a-compreensao-no-teatro-educacao&Itemid=110](http://www.culturainfancia.com.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&catid=52:arte-educacao&id=303:a-compreensao-no-teatro-educacao&Itemid=110)

BOAL, Augusto. 200 Jogos e Exercícios para atores e não-atores com vontade de dizer algo através do teatro. – 11ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

DUARTE, Newton. Arte e educação contra o fetichismo generalizado na sociabilidade contemporânea. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. 2009.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. LEI Nº 8.069 de 13 de Julho de 1990.

FOLHAONLINE, Menores infratores representam 17,4% da população carcerária do país. Postado em 24 de novembro de 2003. Revisto em outubro de 2012. Disponível em: URL: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/noticias/gd241103h.htm>

MACHADO, Stefano. A ressocialização do preso a luz da lei de execução penal. **UNIVALI**. Biguaçu – Santa Catarina, junho de 2008.

MOURA, Rogério. *O trabalho cultural e a pedagogia do teatro*. **Sala Preta**. São Paulo, v. 2, p. 270-275, 2002.

SILVEIRA, Isabel, *O teatro como protagonista na ressocialização de jovens em conflito com a lei*. **UFRGS**. Porto Alegre. 2011.

SPOLIN, Viola. *Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin/Viola Spolin*; tradução de Ingrid Dormien Koudela. - 2 ed. – São Paulo: Perspectiva, 2006.

TEIXEIRA, Tânia. *Dimensões Sócio Educativas do Teatro do Oprimido: Augusto Boal e Paulo Freire*. Universidade Autônoma de Barcelona Bellaterra- Cerdanyla Del Vallès, julho de 2007.

VASCONCELOS, Rafael. *O Imaginar no jogo Teatral com Adolescentes em Cumprimento de Medida Socioeducativa*. **São Paulo**, Faculdade Campo Limpo Paulista. 2010.



## ANEXOS

### ANEXO A – Relatórios

#### *1º e 2º Encontro*

No dia 12 de outubro às 14h tivemos nosso primeiro encontro com os jovens do Centro Socioeducativo Feijó, onde estavam presentes oito internos. No primeiro momento, apresentamos alguns alongamentos, que foi o principal objetivo de nossa primeira aula.

A princípio, dadas às mãos, formou-se um círculo. Ao sentarmos, nos apresentamos, falando nome, idade e lugar de naturalidade. Buscamos estabelecer uma comunicação bem clara, simples e popular, para o entendimento de todos. Nas primeiras conversas dialogamos sobre nossa missão-e qual a nossa intenção.

Encontramos uma grande variedade de idade e personalidade. Nos primeiros momentos, procuramos não saber o motivo de sua estada ali no centro. Observamos que a timidez era um fator negativo, a voz quase não saía, outros já se identificaram bastante com a conversa, se expressaram mais. Após o contato estabelecido no diálogo, continuamos nos exercícios.

A princípio, foram apresentados alguns alongamentos, uma preparação clássica, primeiro os braços, o centro, pernas, frente e costas, em seguida usaram uns jogos do livro “200 jogos para ator e não ator com vontade de mostrar algo através do teatro” de Augusto Boal.

Percebemos uma timidez nos primeiros momentos, mas os alunos desenvolveram todos os jogos sem rejeição, realizaram tudo que foi solicitado da forma que era solicitado. Pudemos perceber inclusive, um respeito mútuo entre os participantes e para comigo, aplicador.

Infelizmente o espaço cedido para aplicação dos jogos não era o adequado, o ambiente era bastante pequeno, o que não permite uma melhor execução dos jogos e exercícios. O próprio Centro Socioeducativo não apresenta uma estrutura adequada para muitas atividades artísticas pedagógicas. Contribuindo para



Ao final das atividades tivemos a oportunidade de conversar com os participantes e fazer perguntas, do tipo: Como foi à primeira experiência com o teatro? Já tiveram vivências semelhantes? A maioria disse que já haviam tido contato com o teatro, mas não daquela maneira. Tiveram algumas experiências na escola, antes de entrar no centro e outras até mesmo no próprio centro.

“Já fiz teatro na escola, mas nunca tinha visto esses exercícios, apenas recebia o texto, ensaiava e apresentava na sala de aula” (J.J. 17 anos).

“Na outra sexta, vamos realizar o “I Sarau do Centro Socioeducativo Feijó” e vamos apresentar uma musica em forma de teatro, a professora pegou na internet e ta ensaiando com a gente” (A.S. 17 anos).

Este vídeo apresentado é uma dramatização de um grupo de teatro Evangélico chamado Lifehouse, este grupo já vem de uma tradição dramática bastante intensa, contribuindo sempre para o desenvolvimento espiritual e fraternal de pessoas com problemas semelhantes as das apresentações. De uma forma ou de outra acabam influenciando no desenvolvimento pessoal desses jovens que se encontram em tratamento no Centro Socioeducativo Feijó.

[http://www.youtube.com/watch?v=NR7A2\\_owFMg&feature=fvsr](http://www.youtube.com/watch?v=NR7A2_owFMg&feature=fvsr)

Comentamos sobre a importância de um preparo antes de qualquer atividade voltada ao teatro. Falei um pouco sobre o teatro, sabemos que sempre há opiniões diferenciadas e que nem todo mundo se identifica com o teatro, como foi o caso de um dos participantes que não se negou a realizar as atividades, mas comentou:

“Pra falar a verdade não gosto muito de teatro, gosto mais de musica e dança” (R.S. 15 anos).

Então falei do relacionamento que pode aproximar as três coisas, como podem fazer parte do mesmo universo, por exemplo: os exercícios realizados, servem tanto pra quem trabalha com musica como para quem dança. Expliquei ainda que se um dia eles tivessem alguma experiência profissional ou amadora com musica ou dança, os mesmo jogos poderão ser realizados, como forma de preparo físico, assim como os trabalhos de voz que realizaremos na próxima aula.

A maioria dos alunos é da cidade vizinha Tarauacá, e um deles comentou que me conhecia de algum lugar:

“O senhor já foi a Tarauacá? Eu lembro.” disse ele. “Vi uma apresentação de teatro que o senhor fez” (R.N. 17 anos).

Confesso que fiquei bastante surpreso, porque faz muito tempo. Já fiz varias apresentações em Tarauacá, mas essa foi há uns 07 anos, logo outro participante também lembrou dessas apresentações.

“Eu também lembro, foi no Teatro José Potiguara, o teatro municipal” (F.D. 18 anos).

Fiquei muito feliz por essa lembrança e de saber que já assistiram apresentações teatrais.

Agora falaremos da segunda aula, que por sinal não foi exatamente uma aula. Se voltarmos atrás um pouco, foi comentado sobre um sarau que aconteceria “na outra sexta”, dia 19 de outubro. Por coincidência estava programado no mesmo dia em que realizaríamos nossa aula. Desta forma, a coordenação fez um convite para que eu participasse do sarau. Neste dia tivemos apresentações de musica, dança, capoeira, poesia, artes plásticas, exposição de livros e é claro, apresentação de teatro que havia sido comentado por A.S. (15 anos) no nosso 1º encontro. O evento contou com a presença do Juiz da Comarca, Imprensa, Defensor Público, Artistas da Região, dentre outras autoridades.

Nessa apresentação percebi que os garotos demonstraram uma vontade muito grande de aprender, sendo que a questão mais negativa é ainda era exatamente a timidez. Contudo foi uma apresentação bem legal, desenvolveram bem. Infelizmente no momento não posso apresentar registros.

Por final, podemos afirmar que os resultados foram positivos, encontramos nos jovens certa sede de mudança, transformação essa que vem através da apreciação das artes, o que nos motiva a continuar com nosso trabalho e buscar cada vez mais soluções que elaborem um futuro propício para esses jovens.

### ***3º Encontro***

Após os proveitosos encontros anteriores nos dias 12 e 19 de outubro, temos a oportunidade de relatar a nossa terceira aula. Aqui apresentaremos como nossos alunos podem desenvolver algo, se expressando através da voz.

Fazendo parte do conjunto de aparelhos que envolvem o teatro, a voz se faz fundamental no desenvolvimento das atividades teatrais. Os atores encontram um grande desafio ao apresentar algo à plateia, pois é fundamental o uso adequado da voz. Afinal, a voz precisa ser ouvida em todo ambiente de um teatro e tem que conciliar-se com o movimento corporal e expressões interpretativas.

Assim como um ator profissional faz o uso de técnicas de aquecimento vocal, qualquer pessoa pode realiza-la. Isto é o que recomenda os Fonoaudiólogos: quem faz o uso da voz para expressar-se ou para trabalho de uma forma constante deve fazer exercícios vocais. Esses exercícios incluem colocação de voz, respiração, vibrações.

Voltando ao nosso terceiro encontro, houve a participação de 08 alunos. Infelizmente estamos sujeitos a momentos em que nem todos os alunos irão participar constantemente de todas as aulas, pois por alguma indisciplina que os internos provocam (que não podem chegar ao nosso conhecimento) faz com que os jovens sejam suspensos de algumas atividades. Foi o caso de um dos jovens que participou das ultimas aulas. Fico preocupado, mas ao mesmo tempo satisfeito. Preocupado porque percebo nesse jovem que o teatro não está fazendo muito efeito; satisfeito porque os outros internos fazem questão de participar, até mesmo aquele jovem que na primeira aula disse que não se identificava muito com o teatro. Assim, como havia comentado sobre os exercícios de vocais: servem tanto para quem pratica musica ou até mesmo dança, como é o caso da respiração.

Iniciamos nossa terceira aula com o tradicional circulo feito de mãos dadas, o que para um leigo em teatro parece não ser tão importante assim, mas que na verdade é fundamental, até mesmo para manter disciplina e organização: é uma maneira de mostrar igualdade, onde todos são observados e ouvidos por todos. Após esse contato importante seguimos para o próximo passo. Comecei perguntando para os socioeducandos que já tiveram experiência com o teatro, se algum deles já havia ouvido falar de Aquecimento Vocal, alguns disseram que sim e outros que não; disseram:

“Aquecimento “Bocal” tem alguma coisa haver com voz?” R.S. (15 anos).

Sim, respondi, mas não é aquecimento “bocal” é Aquecimento Vocal, com “V”.

Comentei sobre a importância de exercitar a voz, falei que nosso objetivo naquele momento era exatamente estes, exercitar a voz e mostrar como fazer isso de maneira correta e com segurança, então veio mais uma pergunta:

“Por que com segurança?” J.J (16 anos).

EU: Porque exercitando a voz de uma maneira errada, você pode danificá-la.

EU: Você já ficou com a voz roca alguma vez?

ELE: “Sim”

EU: Então, você ficou com a voz roca porque gritou demais, ou de alguma maneira forçou a voz demais, ou seja, sua voz ficou danificada por um uso incorreto.

Levamos-nos, fizemos aquecimento e alongamentos de rotina teatral, mas levamos mais em consideração a região da cabeça, do pescoço pra cima.

Primeiramente começamos alongando os músculos da região do pescoço, realizando exercícios de giro de cabeça, massagem no rosto e região do pescoço.

Com movimentos leves, massageamos o pescoço e a cabeça, relaxando, com movimentos circulares e leves apertos. Falei da importância da lubrificação através da saliva. Alguns acharam nojento, mas mencionei coisas que podem ser mais abomináveis que lubrificar as cordas vocais.

Alem de usar técnicas de “Aquecimento Vocal” explorados por Augusto Boal (2003), também fizemos uso de técnicas encontradas na internet, exercícios ensinados por profissionais de teatro e música.

Comentei que assim como o corpo precisa de um aquecimento a voz também precisa.

<http://www.youtube.com/watch?v=qWFyhrVaBXE&feature=plcp> (Marcio Markkx)

No desenvolvimento da atividade, os alunos poderiam ver a simplicidades de realizar alguns exercícios, mas alguns apresentaram dificuldades no direcionamento interno do som, não sabem como usar o diafragma, que é muito utilizado nos exercícios.

Falei sobre diafragma: Onde fica localizado? Qual sua função? Qual sua importância?

Localizado na região inferior do pulmão, é responsável pela movimentação da caixa torácica. Sem esse movimento seria impossível respirar.

<http://www.youtube.com/watch?v=bN3sB6FJxcQ> (Marcio Markkx)

Usamos também exercícios de aquecimento vocal de autores desconhecidos.

Encontramos dificuldade com exercício realizado de maneira errada em alguns momentos, mas com o passar do tempo e com algumas orientações pudemos desenvolver a atividade com mais técnica, sempre com calma e gradativamente. Temos que ter a preocupação de que os jovens nunca tiveram contato com jogos voltados para o desenvolvimento da voz. A orientação no momento da realização da atividade se faz necessária, como já dito, o jogo tem que ser gradativo, ao poucos.

Apesar das dificuldades, os exercícios e jogos foram desenvolvidos. Não posso relatar que foi perfeito, mas posso dizer que todos participaram e executaram de acordo com as orientações. Alguns momentos de desconcentração e engraçados, mas nada que compromettesse o desenvolvimento das atividades.

Após a execução dos exercícios, nos reunimos em um círculo e perguntei aos participantes se sentiam algo diferente em suas vozes. Muitos não sabiam dizer se havia algo de diferente ou não, mas outros conseguiram sentir, conforme relatos descritos abaixo:

- “Sinto minha voz grossa” (A.S. 17 anos)
- “É como se ficasse mais fácil falar” (J.J. 17 anos)
- “Minha respiração tá melhor” (F.S. 15 anos)
- “Isso cansa de mais” (R.N. 17 anos)

Respondi: Exatamente por isso que realizamos os exercícios de respiração, talvez você não tenha realizado da maneira adequada, mas realmente é muito cansativo, principalmente

quando são realizados de maneira prolongada. Como vocês não são profissionais de teatro ou da música, ou até mesmo da dança, não é adequado forçar muito as cordas vocais, laringe, faringe, os pulmões, enfim, tudo que envolve o sistema respiratório. Esses exercícios devem ser realizados gradativamente, de acordo com a preparação de cada um: só em olhar para vocês sabemos que não são iguais, correto? Responderam: Sim. Ou seja, o corpo do J.J, não é igual ao do A.S, assim as cordas vocais ou até mesmo a respiração de cada um é diferente. Já que são diferentes, é bom que cada um faça os exercícios de acordo com sua capacidade, exatamente para não ocorrerem acidentes.

Após nossa conversa falando da prática, preparação e cuidados que devemos ter com a voz e momentos de descontração, agradecemos a todos pela participação e esforço de estarem ali, compartilhando mais essa vivência teatral.

**Obs.** Infelizmente do dia 02 de Novembro, não foi possível haver encontro, devido o feriado de finados.

#### ***4º e 5º Encontros***

Aqui relataremos como sucedeu o encontro de número 04. Determinado para o dia 16 de Novembro de 2012 às 14h.

Pra início começamos com o tradicional círculo o que não pode deixar de ser realizado, tivemos uma breve conversa sobre o último encontro, logo partimos para os necessários “Aquecimentos físicos” de Boal (1993), também descritos nos anexos.

Após os trabalhos de aquecimento, já podemos perceber algo diferente, um silêncio tomava conta do ambiente, mas não pelo fato de estarem em minha presença, por isso foi lançando uma pergunta:

Eu: O que houve? Todo mundo calado, falando pouco.

A.D.: “Nada não professor, só preguiça, acordamos agora.”

Não quis entrar em muitos detalhes, exatamente para não tirar o foco do momento, mas ficou o sentimento de que algo tinha acontecido, no final, até perguntei aos socioeducadores, mas, por conduta do Centro Socioeducativo Feijó, não pude obter mais informações. Então perguntei se era algo relacionado ao teatro ou a meu trabalho realizado no centro, os mesmos responderam que não.

Já começamos nosso encontro meio tenso, mas continuamos.

Começamos nossos jogos com uma caminhada pelo ambiente, para tirar a tensão, esse jogo não estava no roteiro, na realidade não foram encontrados registros que referenciem esse jogo, mas vi uma necessidade de realiza-lo. Consiste em uma caminhada pelo ambiente, com alteração de velocidade, aumentando e baixando ritmo, às vezes, em câmera lenta, outras vezes, uma caminhada bem rápida, sem correr. Como o exercício exigiu uma dinâmica efetiva, pudemos perceber mudanças nos comportamentos dos internos, mais diálogo entre eles, mais brincadeira no decorrer do jogo, o que porventura não pode ocorrer, mas a descontração fez bem ao momento, então vi a obrigação de não intervir. Ao perceber que o jogo amenizou o ambiente, a tensão que estava atrapalhando nosso encontro, pude passar para o próximo passo.

Nosso Jogo agendado para esta aula pode ser encontrado no Fichário de Viola Spolin (2001) e está listado no projeto de pesquisa monográfica, podendo ser observado como deve ocorrer. “Quanto Você Lembra?”, descrito na ficha azul A90, Spolin (2001). Os jogos do fichário Spolin (2001) apresentam uma particularidade pelo fato de apresentarem, em seu conteúdo, detalhes de como podemos desenvolver cada jogo. Os conteúdos são compostos por: Preparação, Foco, Descrição, Instrução, Avaliação, Notas, Áreas de Experiência. Isso facilita tanto para o educador quanto para o aluno.

Estavam presentes, 06 jovens, de certa forma o número necessário para forma 3 duplas. Formamos as duplas que o jogo pede, pegamos três livros que estavam disponíveis, um pra cada dupla. Foi explicado como se desenvolvia o jogo.

Nesse momento, tivemos um pouco de dificuldade, devido à baixa escolaridade da maioria, suas leituras ficavam travadas. Sentimos certa rejeição à leitura, os jovens se sentiam envergonhados por terem uma leitura tão inferior, sentimos a necessidade de uma conversa,

explicar que não importava sua baixa qualidade de leitura e sim as informações adquiridas durante a leitura.

Eu: Se você ler devagar, então vamos fazer devagar.

M.A.: “Entendi”

Vi a necessidade de intervir no jogo. Já que tínhamos poucos participantes e o tempo que tínhamos já estava acabando, em vez de formar as duplas, eu fiz dupla com todos. Propus que enquanto eles faziam a leitura eu fazia o papel de quem relatava algo.

De um por um, fui realizando o jogo, após realizar a primeira etapa com todos, passamos para a segunda parte, que consiste em relatar sobre o que foi lido por cada um e o que pode ser ouvido.

Formamos um círculo com os seis participantes e fui perguntando um a um o que realmente é pedido no fichário como forma avaliativa, “O leitor consegue se lembrar de tudo o que seu parceiro disse? O Leitor consegue lembrar-se mais daquilo que leu ou daquilo que seu parceiro estava falando?” Spolin (2001).

Todos participaram das atividades, mas houve uma diferenciação, uns ouviram mais outros ouviram menos, essa mesma diferença se deu para quem lembra mais ou menos coisas.

Ao finalizar percebi um diálogo entre os participantes, falando sobre a atividade realizada, falando sobre coisas que gradativamente lembravam.

Concluimos aí mais uma aula, com mais pontos positivos do que negativos. Os alunos participaram e interagiram, entre si, um dos pontos mais importantes independente das atividades realizadas.

No quinto dia, repetimos a mesma atividade do último encontro, onde pedimos fizessem o mesmo trabalho de leitura e memorização, mas como em qualquer atividade conseqüente a outra, e temos observado e realizado atividades que apresentam resultados diferentes, os jogos estão dialogando com os objetivos, e a repetição pode ajudar a obter novos resultados.



Começamos falando da aula anterior, elogiando o trabalho realizado, pela disposição dos jovens ao realizar as atividades, o esforço. Como os participantes já conheciam o jogo, fizemos o mesmo jogo.

Os resultados foram semelhantes aos do primeiro encontro relacionado ao jogo “Quanto você lembra?” (A90).

Mas nosso maior objetivo deste dia foi realizar uma entrevista com os participantes do dia. Infelizmente só participaram 04 socieducandos, talvez a experiência estressante que eles passaram com a leitura no dia de encontro anterior, tenha resultado na falta de dois participantes.

As entrevistas foram feitas através da escrita, respondendo questões relacionadas ao desenvolvimento das atividades. Ao finalizar as entrevistas, formamos nosso círculo de finalização e falamos mais sobre nossa função lá no centro socioeducativo, e explicamos o porquê da entrevista.

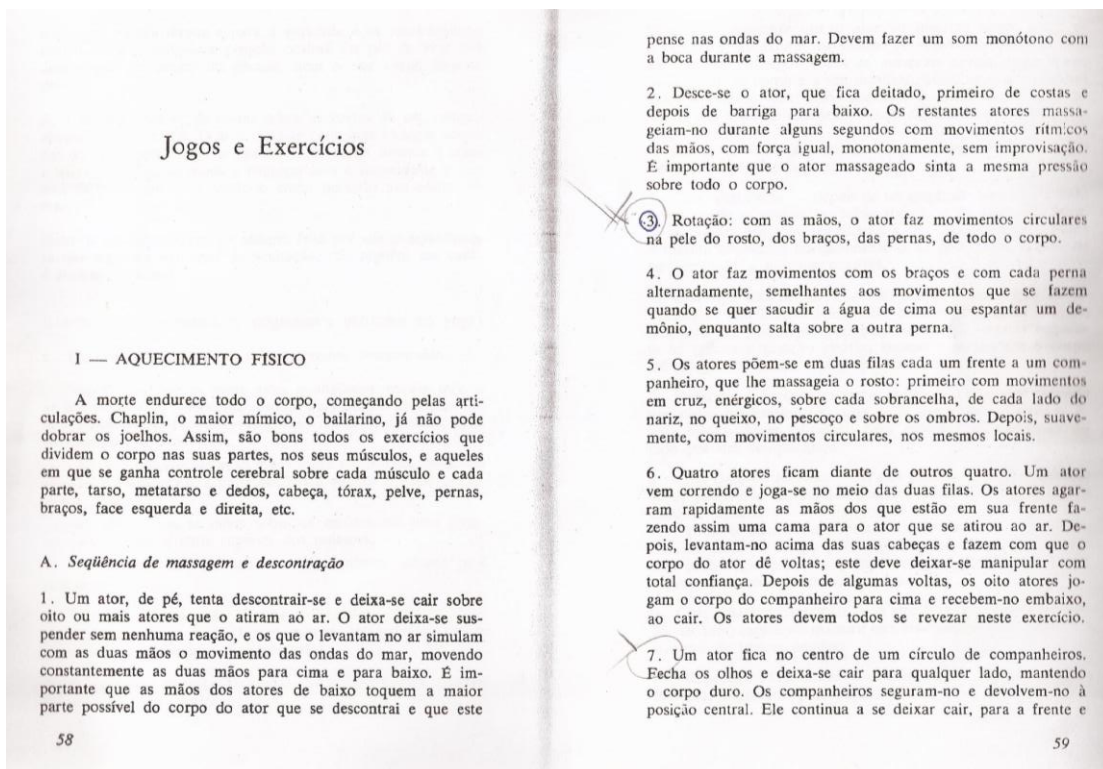
Após uma breve conversa encerramos nosso encontro.

## ANEXO B – Jogos e Exercícios Aplicados

Os Jogos e Exercícios realizados são fundamentais para o desenvolvimento e coleta de resultados.

Cada jogo apresenta uma perspectiva diferente. Abaixo apresentamos esses jogos, para mostrar como são desenvolvidos e como são mencionados pelas suas próprias fontes.

### 1. “Aquecimento físico” (BOAL, 2003 p 58)



Este jogo tem a função de manter os alunos aquecidos durante o desenvolvimento das atividades. Na realidade, o aquecimento físico faz parte da rotina do teatro, todo trabalho deve ser precedido de um aquecimento.

## 2. “Sentir o eu como o eu” (SPOLIN, 2006, fch. A2)

SENTINDO O EU COM O EU	A2
<p><b>PREPARAÇÃO</b> Orientador: Leia Comentário sobre <i>Caminhada no Espaço</i> (Manual, p. 41) Grupo todo.</p>	
<p><b>FOCO</b> Sentir o contato com a parte do corpo indicada.</p>	
<p><b>DESCRIÇÃO</b> Os jogadores permanecem silenciosamente sentados em suas carteiras e fisicamente sentem aquilo que está em contato com seus corpos, conforme a instrução.</p>	
<p><b>INSTRUÇÃO</b> <i>Sinta os pés nas meias! Sinta as meias nos pés! Sinta os pés nos sapatos! Sinta os sapatos nos pés! Sinta as meias nas pernas! Sinta as pernas nas meias!</i> <i>Sinta a calça ou saia nas pernas! Sinta as pernas nas calças! Sinta a roupa de baixo perto do seu corpo! Sinta o corpo perto da roupa de baixo! Sinta a blusa ou camisa com seu peito e sinta o seu peito dentro da blusa ou camisa! Sinta o anel no dedo! Sinta o dedo no anel! Sinta o cabelo na cabeça e as sobrancelhas na testa! Sinta a língua na boca! Sinta as orelhas! Vá para dentro e tente sentir o que está dentro da cabeça com a cabeça! Sinta o espaço à sua volta! Agora deixe que o espaço sinta você!</i></p>	
<p><b>AVALIAÇÃO</b> Houve alguma diferença entre sentir o anel no dedo e sentir o dedo no anel?</p>	
<p><b>NOTAS</b> 1. <i>Sentindo o Eu com o Eu</i> (A2) pode ser usado sozinho ou com <i>Caminhada no Espaço</i> (A6, A7 e A8). 2. Dê a instrução <i>Fique de olhos abertos!</i> se necessário. Este exercício deve trazer os jogadores e o coordenador para dentro da sala (o ambiente escolar). Olhos fechados podem ser uma defesa.</p>	
<p><b>ÁREAS DE EXPERIÊNCIA</b> Percepção Corporal Caminhada no Espaço © 2001 Perspectiva</p>	

Estabeleceremos através deste exercício que o participante sinta-se cada vez mais íntimo de si mesmo.

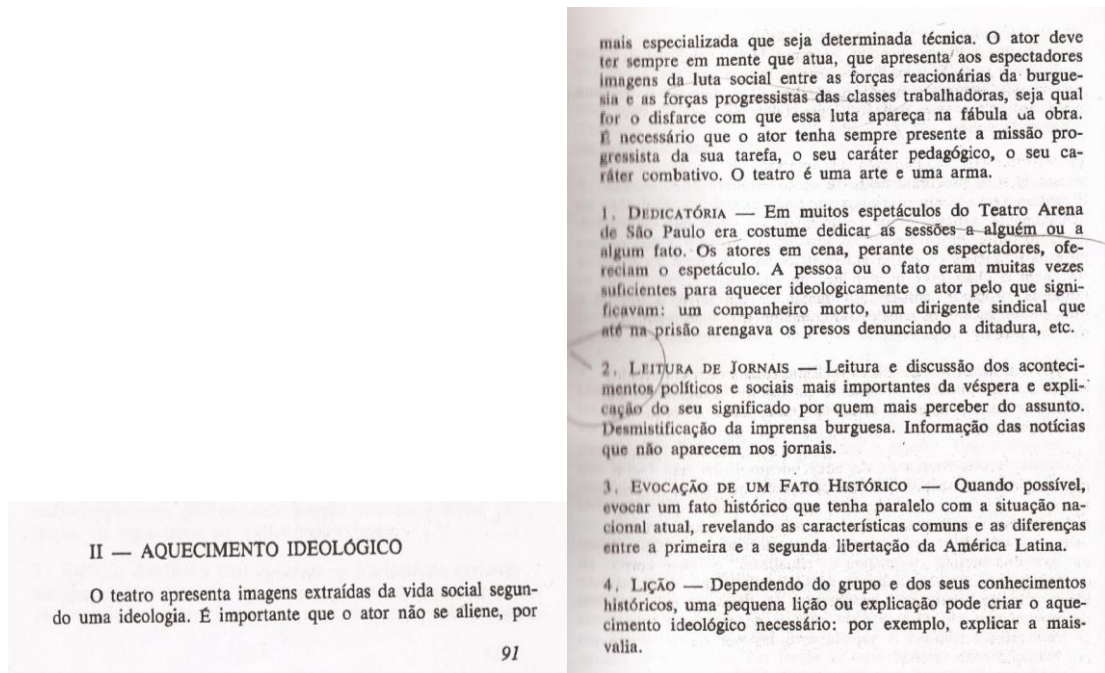
## 3. “Aquecimento vocal” (BOAL, 2003 p 92)

<p>III — AQUECIMENTO VOCAL</p> <p>1. TODOS OS ATORES VIRADOS PARA A PAREDE — a um palmo de distância, tentam furar a parede com a voz; procuram, todos ao mesmo tempo, o mesmo tom.</p> <p>92</p>	<p>2. DOIS GRUPOS DE ATORES — cada qual emitindo um som diferente, procuram forçar o outro grupo a ir atrás do seu som.</p> <p>3. ATORES COM A MAIOR ÁREA POSSÍVEL dos seus corpos contra o chão, emitem a voz a partir da terra.</p> <p>4. COM A CABEÇA PENDENTE, DEITADOS DE BRUÇOS SOBRE UMA MESA, os atores emitem sons até que o nariz sinta cócegas e se torne impossível continuar.</p> <p>5. UM ATOR EMITE A SUA VOZ DIRIGINDO-A A OUTRO situado a meio metro de distância; este segundo ator começa a afastar-se um metro, dois, três, dez. O primeiro tenta ajustar a voz de acordo com a distância. Este exercício também pode ser feito cantando. Assim, do mesmo modo que o olho “foca” naturalmente o objeto que se quer ver, também a voz “foca” naturalmente a pessoa a quem pretende dizer alguma coisa.</p>
---	---

A voz também precisa de um atendimento especial. A voz também tem sua particularidade se tratando de teatro, afinal é uma ferramenta fundamental em um



5. “Aquecimento ideológico” (BOAL, 2003, p 91 )



A atenção para os fatos ocorridos atualmente em nossa comunidade é muito importante, geralmente esses jovens não se atentam para assuntos políticos e sociais. Através deste jogo, além de tratarmos desses assuntos que são fundamentais para o desenvolvimento positivo da sociedade, observaremos a capacidade de improviso e leitura.

## 6. “Pegador – Pegador com explosão” (SPOLIN, 2006, fch. A55)

### PEGADOR – PEGADOR COM EXPLOÇÃO A55

#### PREPARAÇÃO

Coordenador: estabeleça uma área relativamente pequena no pátio ou sala de aula. Uma área de 3m x 3m é adequada para quinze jogadores. Grupo todo.

#### FOCO

Nenhum nesse jogo tradicional.

#### DESCRIÇÃO

Muitos jogadores (metade do grupo joga e a outra metade torna-se plástica). Um jogo regular de pegador é iniciado dentro de limites. O grupo estabelece quem será o pegador. Os jogadores não podem sair dos limites. Quando o nível de energia estiver elevado, o coordenador acrescenta uma outra regra. Quando forem pegos, os jogadores devem tomar o seu tempo para *explodir*. Não há forma preestabelecida para *explodir*.

#### INSTRUÇÃO

Permaneçam dentro dos limites! Lembrem-se dos limites! (Quando o nível de energia estiver elevado.) Quando forem pegos, tomem o seu tempo para *explodir*! Antes de perseguir outro jogador, tome o seu tempo para *explodir*! Exploda da forma como quiser! Caia no chão! Grite! Como quiser!

#### NOTAS

1. Esse jogo de pegador é um aquecimento natural e introdutor para *Câmera Lenta – Pegador Congelar* (A56). Ainda que você tenha restrições de níveis de tempo e barulho, mesmo um minuto de *Pegador – Pegador com Explosão* é válido.
2. Explosão é uma ação espontânea no momento de ser pego. Os jogadores fazem uma *pausa momentânea* através dessa explosão.

#### ÁREAS DE EXPERIÊNCIA

Jogo Tradicional  
Aquecimento Ativo

© 2001 Perspectiva

## 7. “Aquecimento emocional (BOAL, 2003, p 93)

### IV — AQUECIMENTO EMOCIONAL

1. EMOÇÃO ABSTRATA — Aqui trata-se de não ter nenhuma motivação concreta. Os atores fazem uma ginástica puramente emocional. Começam por ser muito amáveis uns com os outros, sorridentes e contentes, procurando ver nos outros características agradáveis. Para eliminar toda a possibilidade de motivação, os atores não podem falar com palavras, mas apenas com números: 23, 8, 115, etc. Depois começam a variar quantitativamente esse carinho, primeiro a gostarem mais uns dos outros, depois menos, até que começam a variar qualitativamente até se odiarem, para finalmente levarem o ódio à tensão mais violenta. A única regra a respeitar é não ameaçar a segurança física dos outros atores (para que ninguém tenha que se preocupar em proteger o seu corpo, podendo concentrar-se na emoção). Gradualmente os atores voltam a descobrir as coisas boas de cada companheiro, pronunciando sempre números e nunca palavras, até regressarem ao mais completo amor.

2. EMOÇÃO ABSTRATA COM ANIMAIS — Variante do exercício anterior: os atores partem de uma emoção até chegarem à emoção contrária e voltam à primeira, mas em vez de dizerem nú-

Aqui o trabalho é emocional e de expressões faciais, primeiramente as emoções que podem ser observada, para facilitar e ajudar em futuras apresentações e na compreensão de si mesmo.

“Sentir o eu como o eu” (SPOLIN, 2006, fch. A19)

**SENTINDO O EU COM O EU** **A19**

**PREPARAÇÃO**  
 Coordenador: leia Comentário de *Caminhada no Espaço* (Manual, p. 41)  
 Grupo todo.

---

**FOCO**  
 Percepção física com a parte do corpo indicada.

**DESCRIÇÃO**  
 Os jogadores permanecem silenciosamente sentados em suas carteiras e percebem fisicamente o que está em contato com seu corpo, conforme a instrução.

**INSTRUÇÃO**  
*Sinta os pés nas meias! Sinta as meias nos pés! Sinta os pés nos sapatos! Sinta os sapatos nos pés! Sinta as meias nas pernas! Sinta as pernas nas meias! Sinta a calça ou a saia nas pernas! Sinta as pernas nas calças! Sinta a roupa de baixo perto do seu corpo! Sinta o seu corpo perto da roupa de baixo! Sinta a blusa ou camisa com seu peito e sinta o seu peito dentro da blusa ou camisa! Sinta o anel no dedo! Sinta o dedo no anel! Sinta o cabelo na cabeça e as sobrancelhas na testa! Sinta a língua na boca! Sinta as orelhas! Vá para dentro de si mesmo e perceba o que está dentro da cabeça com a cabeça! Sinta o espaço à sua volta! Agora deixe que o espaço sinta você!*

**AVALIAÇÃO**  
 Houve alguma diferença entre sentir o anel no dedo e sentir o dedo no anel?

**NOTAS**  
 1. *Sentindo o Eu com o Eu* pode ser usado sozinho ou com *Caminhada no Espaço* (A6, A7 e A8).  
 2. Dê a instrução *Fique de olhos abertos!* se necessário. Este exercício deve trazer os jogadores e o professor para a sala (o ambiente escolar). Olhos fechados podem ser uma defesa.

© 2001 Perspectiva

8. “Jogos de interação do elenco” (BOAL, 2003, p 95)

**V — JOGOS DE INTEGRAÇÃO DO ELENCO**

São especialmente indicados quando se inicia um novo grupo de não-atores, isto é, operários ou estudantes. São jogos de salão (e não exercícios de laboratório) que ajudam as pessoas a aceitar a possibilidade de tentar “representar” como no teatro; ajudam a perder a vergonha.

1. **MÍMICA** — É o conhecido jogo “diga isso por mímica”, no qual se formam duas equipes. A primeira propõe a um dos elementos da segunda o título de um filme, o nome de um político ou uma frase recentemente pronunciada por um demagogo qualquer ou por um político popular. O elemento do segundo grupo tem que fazer, para os seus companheiros, a mímica das frases ou do nome, e estes têm que descobrir o que é. Cada ator tem dois minutos para fazer a mímica. Com atores mais experientes, este jogo pode fazer-se dando o tema ou a idéia central de uma cena (o ator não pode fazer nenhuma demonstração óbvia nem reproduzir qualquer marcação; apenas pode corporizar a idéia central segundo as suas possibilidades e imaginação).

2. **JOGO DO ASSASSINO** — Este jogo foi tirado de uma história de *suspense*. No salão de um hotel, com as comunicações para o exterior completamente cortadas, descobre-se um cartão que diz: “sou um assassino e vou matá-los a todos”. Todos os participantes têm que descobrir o mais rapidamente possível o assassino (prévia e secretamente designado pelo encenador). O assassino pode, a um sinal convencional (que podem ser, por exemplo, dois pequenos toques no ombro), matar os outros depois de um período de 10 minutos durante o qual todos procuram estudar-se e reconhecer-se mutuamente. Os restantes atores podem, mediante votação majoritária, “matar” os suspeitos. Este jogo de salão também pode ser feito como exercício de laboratório, quer dizer, com atores criando realmente personagens e desenvolvendo as suas emoções. Neste caso, os “mortos” não saem de cena, morrem realmente. De qualquer forma, a “morte” do que foi assassinado não pode ser rápida; pelo contrário, o ator deve esperar uns minutos antes de “morrer”, para não denunciar o assassino.

95

Através desse jogo, teremos a oportunidade de ampliar a noção de improviso dos alunos.

9. *“Exercícios de máscaras e rituais” (BOAL, 2003, p 97)*

que formam a sua frase feita. É importante que cada ator, ao responder, o faça com frases compatíveis com a ideologia que julga relacionar-se com a frase que inclui a sua palavra-chave. Por exemplo: “Só o povo salvará o povo”. Um ator terá a palavra “só”, o segundo “o”, o terceiro “povo”, etc. Ninguém sabe quem pertence ao seu grupo: cada qual tem que descobrir através da utilização, nas respostas, da palavra que lhe coube.

VI — EXERCÍCIOS DE MÁSCARAS E RITUAIS

1. SEGUIR O MESTRE — Um ator começa a falar e a mover-se naturalmente e todos os outros procuram captar e reproduzir a sua máscara. É importante não fazer a caricatura, mas sim reproduzir a força interior que leva o ator a ser como é. Os atores imitam o “mestre”, mas no sentido que lhe dá Aristóteles: imitar não é copiar as aparências, mas reproduzir as forças criadoras internas que produzem essas aparências. Um ator, por exemplo, tinha como característica mais visível a sua extrema loquacidade; na realidade tratava-se de um tímido, de um inseguro que procurava segurança falando incessantemente, pois tinha medo que os outros o atacassem. O ator deve criar este medo que leva à loquacidade. Além disso, deve tentar descobrir os rituais sociais que o outro desenvolvia na vida e o que levaram a ser vítima desse medo. O núcleo da máscara é sempre uma necessidade social determinada pelos rituais.
2. SEGUIR DOIS MESTRES QUE SE METAMORFOSEIAM — Dois atores começam a conversar ou a discutir; cada um tem a sua equipe de “seguidores”, que começam a imitar ou a criar as máscaras dos mestres, cada grupo o seu. Ao fim de alguns minutos, os dois mestres começam a metamorfosear-se um no outro, quer dizer, cada mestre começa a imitar o outro, de modo que os seguidores de um também passarão a imitar os do outro.
3. ROTAÇÃO DE MÁSCARAS — Cinco atores falam, movem-se e observam-se. Passados alguns minutos o encenador pronuncia o nome de um deles e todos os outros começam a imitar

Além de promover a interação entre os jovens, estimulamos mais ainda a movimentação corporal.



10. “*Quanto Você Lembra?*” (SPOLIN, 2006, fch. A90)**QUANTO VOCÊ LEMBRA?****A90****PREPARAÇÃO**

Jogadores na platéia.

**FOCO**

Ler e ouvir ao mesmo tempo.

**DESCRIÇÃO**

Faça a contagem em times de dois jogadores – um leitor e um falante. O leitor começa a ler silenciosamente alguma história ou artigo de um livro ou revista, enquanto o falante relata algum incidente ou experiência passada diretamente para o leitor. O leitor deve colocar o FOCO em estar aberto tanto para o que está lendo como para aquilo que o falante está lhe contando. Antes de trocar os papéis, o leitor conta para o falante o que leu e ouviu.

**INSTRUÇÃO**

Nenhuma.

**AVALIAÇÃO**

O leitor consegue se lembrar de tudo o que seu parceiro disse? O leitor consegue lembrar-se mais daquilo que leu ou daquilo que seu parceiro estava falando?

**NOTAS**

1. Esse exercício pode ser feito com pares trabalhando simultânea ou individualmente.
2. Para jogadores inexperientes, sugere-se que o assunto da leitura seja mantido leve e razoavelmente fácil. Pode se tornar mais difícil e técnico na medida em que os jogadores adquiram confiança e habilidade.
3. Para mais informações, veja o Manual.

**ÁREAS DE EXPERIÊNCIA**

Jogo Tradicional  
 Jogo com Estímulos Múltiplos  
 Jogo de Ouvir-Escutar  
 Jogo para Leitura  
 Jogo Sensorial

## 11. “Quebra de repressão” (BOAL, 2003, p 106)

estão profissões ou papéis sociais complementares: professor-aluno, marido-mulher, padre-fiel, médico-doente, polícia-ladrão, operário-burguês, etc.

### VII — QUEBRA DA REPRESSÃO

1. Um ator procura recordar um momento da sua vida em que haja sentido uma intensa repressão.

Na Universidade de Nova Iorque, uma atriz negra recordou ter ido visitar a sua família na Geórgia, um estado do sul onde há uma tremenda repressão racial. A jovem era de Nova Iorque, onde quase não existe tal problema e ao ir (na Geórgia) tomar um sorvete com a prima, não lhe permitiram fazê-lo junto aos outros fregueses; deixavam-na comprá-lo e pagá-lo, mas tinha que ir comê-lo longe dali; se negros e brancos pudessem tomar sorvetes juntos, como seria possível contê-los nas outras atividades sociais?

Em Buenos Aires, um rapaz recordou ter sido convidado para uma festa; quando os companheiros perceberam que era judeu, pediram-lhe que se fosse embora.

O exercício faz-se em três fases. Na primeira, procura-se reproduzir o fato acontecido, tal como sucedeu, sem acrescentar nem tirar nada, com grande abundância de pormenores. Nos dois casos citados, os protagonistas tentaram oferecer alguma resistência, mas esta foi vencida pelas outras personagens.

2. Na segunda fase do exercício, o protagonista não aceita a repressão. Sabemos que, quando se dá uma repressão seja de que tipo for, é porque conta com o apoio da vítima. Se o homem amar mais a liberdade que a vida, jamais o oprimirão: o mais que poderão fazer é matá-lo. Oprimem-nos porque estamos dispostos a fazer concessões, a aceitar a repressão em troca de continuarmos a viver.

Nesta segunda parte, a negra não aceitava a repressão e queria tomar o sorvete ali mesmo, ao lado das louras. Imediatamente se montou contra ela todo o sistema repressivo, incluindo os seus próprios parentes: o pai dizia-lhe: “porque queres tomar o sorvete aqui e não conosco, que te estimamos,

106

na nossa casa?”. A amiga dizia-lhe: “é para teu próprio bem... vem conosco”. Mas a jovem estava decidida a ficar, e não se deixar reprimir, e assim foi.

O mesmo para o caso de Buenos Aires: o rapaz decidiu ficar na casa até que todos os outros tivessem ido embora; a festa acabou mais cedo, mas não houve repressão.

3. Na terceira fase do exercício os atores trocam de papéis, interpretando precisamente o contrário: a negra interpretava o papel da loura que a tinha impedido de tomar o sorvete, e vice-versa; o pai da jovem era o xerife, e vice-versa; o rapaz judeu era o que mais se empenhava em afastá-lo, e vice-versa; e assim com todos os outros.

Neste exercício costumam acontecer coisas interessantes. Por exemplo: quando o rapaz judeu fez o papel de repressor, fê-lo melhor do que qualquer dos que o haviam feito anteriormente, porque conhecia muito bem o seu opressor, muito melhor do que os atores católicos ou ateus, que nunca tinham sentido essa forma de repressão; quando o rapaz católico fez de judeu, fê-lo com total e imensa sinceridade, sem nenhuma defesa (quase se poderia dizer, melhor que o próprio judeu). Mas não: o rapaz judeu estava tão habituado a essa e a outras formas de repressão racial que já tinha desenvolvido formas de defesa, como o cinismo; assim, quando foi expulso da festa, já sabia como responder, ao passo que o rapaz católico (quando fez de judeu) ficou totalmente indefeso, ignorando o que se passava. Um dos negros, que interpretava um amigo da moça negra, fugia quando o xerife o ameaçava com o revólver; pelo contrário, na terceira fase do exercício, um branco que representava o seu papel enfrentava o xerife. O negro esclareceu o fato: “claro, porque você é branco e disso não se pode esquecer, nem sequer durante o exercício; sobre você não disparariam... sobre mim, sim”.

4. CONFISSÕES DO REPRESSOR — Nos exercícios de quebra de repressão, o ator assume sempre um belo e simpático papel: é a vítima da violência e não o causador dela. Por isso é necessário que o mesmo exercício seja feito, nas suas restantes fases, mas pedindo-se ao ator que recorde um momento da sua vida

107

Estes jogos já são uma fase mais desenvolvida de trabalho, são atividades que tomam bastante tempo, elas já se desenvolvem através do improviso.

## 12. “Exercícios gerais sem texto” (BOAL, 2003, p 58)

em que atuou não como reprimido mas como repressor: na terceira fase ele não se verá como o seu algoz mas sim como a sua vítima.

### VIII — EXERCÍCIOS GERAIS SEM TEXTO

1. IMPROVISAZÃO — É o exercício convencional que consiste em improvisar uma cena a partir de alguns elementos iniciais. Os atores que participam devem aceitar como verdadeiros os dados oferecidos pelos outros durante a improvisação. Deve-se procurar completar a improvisação com novos dados que os companheiros vão inventando. Em nenhum momento se pode rejeitar como verdade concreta a imaginação dos companheiros.

Para evitar que a improvisação caia numa “lagoa emocional” e para que seja sempre dinâmica, é necessário que os atores ponham em funcionamento o seu “motor”, quer dizer, uma *vontade dominante* que é o resultado de uma luta entre, pelo menos, uma *vontade* e uma *contravontade*, a qual determina um conflito interno, subjetivo; é necessário que essa *dominante* se choque com as *dominantes* dos demais participantes, de modo a formar um conflito externo, objetivo; finalmente, é necessário que esse sistema conflituoso se mova quantitativamente e qualitativamente. Não basta que uma personagem odeie sempre e cada vez mais; além disso, deve transmutar esse ódio em culpa, ou em amor, ou seja no que for. A variação puramente quantitativa é muito menos teatral do que a que vem acompanhada por uma verdadeira variação qualitativa.

Também é necessário distinguir sempre a *vontade* (que pode ser o resultado de uma psicologia caprichosa) da *necessidade social*. As vontades sobre que interessa trabalhar são, sobretudo, as que exprimem, no campo da psicologia individual, alguma necessidade social. A vontade é a necessidade. Além disso também interessam as vontades contra as necessidades: “eu quero mas não devo”.

Os termos para as improvisações devem ser procurados (especialmente nos grupos de teatro popular) nos jornais do dia, a fim de facilitar a discussão ideológica e política, en-

quadrandos os problemas individuais dentro da área mais ampla da vida social, política e econômica.

### EXEMPLO DE IMPROVISAZÃO (em mímica ou falada)

Roteiro para improvisação: *O macaco mal educado*. Este roteiro baseia-se numa história que realmente aconteceu em certo país. Existe documento a tal respeito.

1. Um militar, oficial superior, passeia com a sua digna esposa, os filhos e a fiel criada. É domingo, tarde de sol. Decidem visitar o jardim zoológico.

2. Passeiam diante das jaulas e as suas atitudes e rostos devem denunciar o animal que estão contemplando: elefante, leão, crocodilo, zebra, passarinhos, peixes, rinocerontes, camelo, etc.

3. Divertem-se muito diante da jaula dos macacos. De repente, a tragédia: um macaco muito desavergonhado masturba-se diante da digna senhora, dos dignos filhos e da fiel criada do oficial graduado. Pânico moral. Indecisão. Vergonha. Que fazer?

4. O oficial graduado puxa do revólver e honradamente dispara contra o macaco, que morre imediatamente. Indignação de alguns, aplausos de outros. A digna senhora desmaia lentamente, dando tempo aos outros para a socorrerem.

5. Vem o diretor do jardim zoológico, alertado pelo tiro. Vê-se forçado a inculpar o oficial graduado pela morte do macaco masturbador. Um policial toma nota da identidade do oficial e todos se retiram.

6. *No tribunal* — O fiscal defende o macaco e o seu direito inalienável de se reger pelos seus instintos e não por leis e convenções humanas.

7. O advogado de defesa alega que o macaco violou o direito inalienável do oficial graduado de se divertir com a

Este jogo necessita de certo tempo para seu desenvolvimento e também se apresenta como uma ferramenta para o desenvolvimento do improviso.

## ANEXO C – Entrevistas com os Socieducandos

### *I Entrevista*

**Nome:** Fernando Dhyeme Melo do Nascimento **Idade:** 18 anos. **Função:** Aluno

1. **Entre essas três opções você se identifica mais com?**

- a. Música (X)
- b. Dança ( )
- c. Teatro ( )

2. **Vocês já tiveram algum contato com teatro fora do centro socioeducativo?**

“Sim, aqui no Centro Socioeducativo Feijó, já apresentei uma peça pequena de teatro.”

3. **Você acha que o teatro pode ajudar na sua recuperação?**

“Sim ajuda desenvolver mais.”

4. **O que você acha do teatro?**

“É muito legal.”

5. **O que você achou do professor de teatro?**

“Um cara bacana, ele ajuda muito.”

6. **Gostou de suas aulas?**

“Sim, o professor ensina bem.”

7. **Qual Jogo você mais gostou?**

“Gostei mais do jogo de escutar os sons.”

### *II Entrevista*

**Nome:** Antonio Hercules da Silva **Idade:** 16 anos. **Função:** Aluno

8. **Entre essas três opções você se identifica mais com?**

- d. Música (X)
- e. Dança ( )
- f. Teatro ( )

9. **Vocês já tiveram algum contato com teatro fora do centro socioeducativo?**

“Sim, aqui no centro socioeducativo.”

10. **Você acha que o teatro pode ajudar na sua recuperação?**

“Sim.”

11. **O que você acha do teatro?**

“Bom.”

12. **O que você achou do professor de teatro?**

“Uma pessoa legal.”

13. **Gostou de suas aulas?**

“O professor ajuda muito”

14. **Qual Jogo você mais gostou?**

“Aquecimento de voz.”

### ***III Entrevista***

**Nome:** Mateus Andrade Rodrigues **Idade:** 17 anos. **Função:** Aluno

15. **Entre essas três opções você se identifica mais com?**

g. Música (X)

h. Dança ( )

i. Teatro ( )

16. **Vocês já tiveram algum contato com teatro fora do centro socioeducativo?**

“Sim, na escola.”

17. **Você acha que o teatro pode ajudar na sua recuperação?**

“Ajuda no nosso crescimento.”

18. **O que você acha do teatro?**

“Tem peças bacanas, eu acho bom.”

19. **O que você achou do professor de teatro?**

“Legal.”

**20. Gostou de suas aulas?**

“Sim.”

**21. Qual Jogo você mais gostou?**

“Litura de Jornal.”

***IV Entrevista***

**Nome:** Wanderson Gomes da Cunha **Idade:** 18 anos. **Função:** Aluno

**22. Entre essas três opções você se identifica mais com?**

j. Música (X)

k. Dança ( )

l. Teatro ( )

**23. Vocês já tiveram algum contato com teatro fora do centro socioeducativo?**

“Sim, assisti e fiz na escola e aqui no centro.”

**24. Você acha que o teatro pode ajudar na sua recuperação?**

“Eu acho que não, acho que a mudança tem que ser um propósito tomado pelo ser humano, independente de qualquer atividade.”

**25. O que você acha do teatro?**

“Eu acho muito bom, principalmente quando tem um objetivo.”

**26. O que você achou do professor de teatro?**

“Bacana.”

**27. Gostou de suas aulas?**

“Sim.”

**28. Qual Jogo você mais gostou?**

“Aquecimento, pernas, braços, órgãos, voz, etc”.